



UNIP – UNIVERSIDADE PAULISTA
ICH – INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de Psicologia

Giuliana Raquel Freitas – R.A. T025DF1
Victoria Tobias dos Santos – R.A. T023068
Isabela Silva Ribeiro – R.A. G26ECC8
Rayne Mota – R.A. G294114

**O IMPACTO DO USO DE SMARTPHONES NO DESENVOLVIMENTO
INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS PAIS**

Unip - Bauru

2025



UNIP – UNIVERSIDADE PAULISTA
ICH – INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de Psicologia

Giuliana Raquel Freitas - R.A. T025DF1
Victoria Tobias dos Santos - R.A. T023068
Isabela Silva Ribeiro - R.A. G26ECC8
Rayne Mota - R.A. G294114

**O IMPACTO DO USO DE SMARTPHONES NO DESENVOLVIMENTO
INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS PAIS.**

Relatório de Pesquisa apresentado para Plano de
Estudos Orientados – PEO, do Curso de Psicologia
da Universidade Paulista-UNIP, sob a orientação
do Professor Doutor Fernando Del Mando
Lucchesi

Unip - Bauru

2025

CIP - Catalogação na Publicação

O impacto do uso dos Smartphones no desenvolvimento infantil na perspectiva dos pais / Isabela Ribeiro, Giuliana Freitas, Victoria Tobias e Rayne Mota ...[et al.]. - 2025.

53 f. + 5.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto de Ciência Humanas da Universidade Paulista, Bauru, 2025.

Área de Concentração: Desenvolvimento infantil e o uso das tecnologias..

Orientador: Prof. Dr. Fernando Lucchesi.

I. Desenvolvimento Infantil. 2. Smartphones. 3. Tecnologias . I. Victoria Tobias e Rayne Mota , Isabela Ribeiro, Giuliana Freitas,. II. Lucchesi, Fernando (orientador).

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Universidade Paulista com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Instituto de Ciência Humanas – ICH
Curso de Psicologia – Campus Bauru

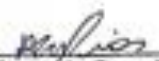
ATA DE DEFESA

Com base nas disposições do Regulamento do Plano de Estudos Orientados - PEO do Curso de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP, reuniu-se no dia 26 de novembro de 2025, nesta Universidade, no Campus Bauru, Rua Luís Levorato, 140 - Chácara Bauruenses, Bauru, São Paulo, sala G11, a Banca Examinadora para a arguição da pesquisa intitulada "O impacto do uso de smartphones no desenvolvimento infantil na perspectiva dos pais", que foi apresentada publicamente pelas alunas "Giuliana Raquel Freitas – R.A. T025DF1, Victoria Tobias dos Santos – R.A. T023068, Isabela Silva Ribeiro – R.A. G26ECC8, Rayne Mota – R.A. G294114".

A Banca Examinadora foi composta pelas professoras examinadoras Profª Amanda Carvalho Dias e Profª Ma Francislaine da Silva e presidida pelo professor orientador Prof. Dr. Fernando Del Mando Lucchesi.

O trabalho foi considerado Aprovado com a nota 10 (10).

São Paulo, 26 de novembro de 2025.


Profª Amanda Carvalho Dias


Profª Mª Francislaine da Silva
Universidade Paulista (UNIP)


Prof. Dr. Fernando Del Mando Lucchesi
Universidade Paulista (UNIP)

RESUMO

FREITAS, G. R; TOBIAS, V. S; RIBEIRO, I. S; MOTA, R. A; LUCCHESI, F. D. M. (orientador). **O impacto do uso de smartphones no desenvolvimento infantil na perspectiva dos pais**. Curso de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas, UNIP – Universidade Paulista, Campus Bauru, São Paulo, 2025.

Os celulares têm se tornado cada vez mais fundamental na vida das pessoas, permitindo acesso à internet de qualquer lugar, estudo, uso de redes sociais, jogos, serviços bancários, recursos para o trabalho, e outro. Além do uso por adultos, adolescentes e crianças começam a ser expostos desde muito cedo a essa tecnologia, muitas vezes incentivadas pelos pais, que acabam se utilizando desse recurso para distraí-las e em alguns casos pela escola, para fins educativos e de estudo. A presente pesquisa teve como objetivo investigar, na visão dos pais, quais os impactos do uso de smartphones na vida e no desenvolvimento das crianças da faixa etária entre 6 a 12 anos, levando em consideração impactos no desenvolvimento escolar, e nas habilidades sociais da criança. Para atingir tal objetivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pais de crianças desta faixa-etária. Como resultados, foi encontrado que embora os pais reconheçam benefícios associados ao uso dos smartphones, como o acesso à informação, estímulo à autonomia em tarefas escolares e facilidade na comunicação, também expressam preocupações significativas quanto aos prejuízos relacionados ao uso excessivo, como alterações no comportamento, irritabilidade, agressividade, agitação, dificuldades de atenção, sintomas ansiosos, dependência tecnológica e acesso a conteúdo inadequados. A supervisão do uso, embora declarada como necessária, mostrou-se limitada na prática. Observou-se ainda uma percepção ambígua por parte dos pais, que oscilam entre a valorização da inserção digital e a dificuldade em estabelecer limites claros e eficazes. Conclui-se, portanto, a necessidade de maior orientação às famílias quanto ao uso consciente da tecnologia na infância, com apoio de políticas públicas e ações educativas que promovam o desenvolvimento saudável das crianças em tempos digitais.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil, Smartphones, Tecnologia

ABSTRACT

Mobile phones have become increasingly essential in people's lives, allowing internet access from anywhere, supporting education, social media use, games, banking services, work tools, and more. In addition to adult usage, children and adolescents are being exposed to this technology at an early age, often encouraged by parents who use these devices to distract them, and in some cases by schools, for educational purposes. This study aimed to investigate, from the parents' perspective, the impacts of smartphone use on the lives and development of children aged 6 to 12, considering effects on school performance and social skills. To achieve this objective, semi-structured interviews were conducted with parents of children in this age group. The results indicated that although parents recognize benefits associated with smartphone use—such as access to information, encouragement of autonomy in school tasks, and ease of communication—they also express significant concerns about the harms of excessive use, including behavioral changes, irritability, aggressiveness, agitation, attention difficulties, anxiety symptoms, technological dependency, and exposure to inappropriate content. Despite acknowledging the need for supervision, parents' actual monitoring practices proved limited. An ambivalent perception was also observed, with parents oscillating between valuing digital inclusion and struggling to establish clear and effective boundaries. Therefore, it is concluded that families require greater guidance on conscious technology use in childhood, supported by public policies and educational initiatives that promote children's healthy development in the digital age.

Keywords: Child Development, Smartphones, Technology, Adolescence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 OBJETIVOS	13
2.1 Geral	13
2.2 Específicos	13
3 JUSTIFICATIVA.....	14
4 MÉTODO	14
4.1 Participantes e Local.....	14
4.2 Instrumentos e materiais	14
4.3 Procedimentos para coleta de dados.....	15
4.4 Procedimentos para análise de dados	16
4.5 Ressalvas éticas	17
5 RESULTADOS	17
6 DISCUSSÃO	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
8 REFERÊNCIAS.....	31
9 ANEXOS	34

1 INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais nas últimas décadas tem transformado profundamente as formas de comunicação, aprendizado e interação social. No século XXI, as gerações passaram a navegar por um novo cenário digital, representado por dispositivos tecnológicos cada vez mais presentes e acessíveis, como os smartphones (Freire; Siqueira, 2019). Segundo Oliveira e Barroco (2023), esses aparelhos tornaram-se tão predominantes que muitos usuários sequer conhecem uma realidade fora do ambiente digital. São utilizados para socialização, trabalho, estudos, lazer, serviços bancários e inúmeras outras funções cotidianas. Com base nos estudos de Neumann e Missel, (2019) o uso da tecnologia também impacta nas relações entre pais e filhos, gerando efeitos positivos e negativos. Sendo o efeito negativo o afastamento físico e afetivo, modificando padrões de convívio e comunicação. Já, no que diz respeito aos impactos positivos, os smartphones promovem a aproximação entre pais e filhos devido ao compartilhamento de informações entre as gerações e pela facilidade de comunicação, além de trazer para os pais a sensação de segurança e controle, mesmo quando estão longe de seus filhos.

No Brasil, há mais de 230 milhões de smartphones em uso, número superior à população nacional, o que evidencia a massificação dessa tecnologia. A praticidade, portabilidade e personalização desses dispositivos os tornam elementos centrais na vida dos usuários, impactando diretamente as atividades diárias e, sobretudo, as funções psíquicas (Oliveira; Barroco, 2023). Nesse contexto, é inegável o impacto da tecnologia digital sobre a constituição

do sujeito e sobre as funções psicológicas superiores, como memória, atenção e linguagem, especialmente em crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento. O abuso no uso desses aparelhos pode prejudicar a concentração, estimular quadros de hiperatividade, ansiedade, comprometer a motivação e reduzir o interesse por atividades escolares e sociais. Conforme apontam os autores abaixo:

Por consequência, os impactos dessa máquina de natureza tão complexa e sofisticada sobre a própria constituição do sujeito são inegáveis. Em um vasto universo de recursos contidos num aparelho tão acessível, pequeno e portátil, as funções psicológicas superiores tendem a sofrer transformações consideráveis como resultado desses avanços, alterando principalmente os processos de aquisição do saber e reconhecimento da realidade. (Oliveira; Barroco, 2023, p. 8).

Além disso, o uso excessivo de dispositivos, como smartphones, pode comprometer a motivação, tornando as atividades cotidianas e escolares menos atrativas e envolventes, uma vez que os usuários tendem a se sentir superestimados (Oliveira; Barroco, 2023).

Tal fenômeno, denominado por Schwartz (2007) de o ‘paradoxo da escolha’, faz com que mesmo diante do vasto ‘cardápio’ de opções que a era virtual oferece, os indivíduos se sintam confusos, infelizes e entediados na hora de decidir, visto que cada escolha implica em renunciar às demais alternativas, gerando mal-estar, inquietude e a sensação de que um universo de opções está sendo deixado de lado. Segundo o autor, esse paradoxo tem levado muitas pessoas a uma insatisfação permanente, pois a constante busca pela novidade ou por aquilo que agrade sempre mais acaba por se tornar algo inatingível (Schwartz, 2007). Talvez, isso ajude a explicar os índices alarmantes de sofrimento psíquico, depressão, autolesão e suicídio entre crianças e adolescentes na atualidade (Oliveira, Barroco, 2018).

Como resultado deste cenário, é mais comum verificarmos a presença dessas tecnologias no espaço familiar de formas diversas. Surge, portanto, a preocupação dos adultos, sobretudo pais e mães, em relação ao tempo de tela, segurança e bem-estar digital de seus filhos, pois é dever deles garantir que eles façam uso das tecnologias digitais com segurança e responsabilidade, a fim de orientar e supervisionar o uso adequado da internet.

Desde meados de abril de 2015, passou a ser discutida na Câmara dos Deputados uma proposta que visava a proibição do uso de celulares e tablets em sala de aula por alunos brasileiros. Essa iniciativa, foi conhecida como PL 104/15, tinha como objetivo restringir o uso de aparelhos eletrônicos portáteis na educação básica em todo o território nacional, buscando criar um ambiente mais focado e livre de distrações (Brasil, 2015).

Como visto nos estudos de Carvalho (2023) a mediação parental refere-se às estratégias utilizadas pelos responsáveis, especialmente familiares, com o objetivo de orientar, supervisionar, controlar ou até restringir o uso dos meios digitais por parte dos filhos. Mesmo quando as crianças demonstram habilidade e familiaridade no manuseio das tecnologias, a atuação dos pais continua sendo essencial para que elas possam explorar de forma segura e proveitosa as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital, além de se protegerem de possíveis riscos online.

O projeto inicial, é de autoria do deputado Alceu Moreira (PMDB-RS), previa que os aparelhos eletrônicos só poderiam ser utilizados em sala de aula se integrados às atividades pedagógicas e com autorização dos professores. Essa proposta teve como base um projeto de lei apresentado, anteriormente, ou seja, em 2007 pelo deputado Pompeo de Mattos (PDT-RS), que inicialmente visava proibir, apenas, o uso de telefones celulares nas escolas. Posteriormente, o projeto foi modificado para incluir todos os aparelhos eletrônicos portáteis, sob a justificativa de que esses dispositivos poderiam desviar a atenção dos estudantes do conteúdo didático (Câmara dos Deputados, 2007).

As funcionalidades do celular no ambiente escolar, avaliando seus aspectos positivos e negativos, nas salas de aula, sem a devida orientação, pode ocasionar sérios problemas para o processo de aprendizagem, como redução da atenção dos alunos, aumento da dispersão e comprometimento da concentração, dificultando a retenção do conteúdo ensinado quando não direcionado a atividades pedagógicas (Ribeiro, et al 2023).

Considerando os efeitos dos celulares na aprendizagem, a legislação aprovada também previu o porte de celulares por alunos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental como uma medida de proteção contra possíveis abusos. No entanto, o uso desses dispositivos foi analisado a possibilidade de permissão em sala de aula apenas para fins pedagógicos, de acessibilidade, inclusão ou condições médicas específicas, como a medição de glicemia por diabéticos (Godoi, 2024). O relator do projeto, deputado Diego Garcia (Republicanos-PR), destacou que, para crianças até 10 anos, o uso de celulares pode ser adiado, pois atividades físicas e de socialização são mais importantes nessa fase (Agência Brasil, 2024).

O uso precoce de dispositivos móveis pode impactar negativamente o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, afetando habilidades como criatividade, resolução de problemas e controle emocional (Matos; Machado; Reis, 2024). Além disso, há riscos associados ao acesso a conteúdos impróprios, como pornografia, drogas, violência, apostas eletrônicas, existe ainda as preocupações com a maturidade emocional das crianças para utilizar esses dispositivos de forma responsável. Estudos mostram que o uso excessivo de celulares está relacionado a distúrbios de sono, déficit de memória e impulsividade, especialmente quando há pouca supervisão dos responsáveis (Balbani; Krawczyk, 2011). A partir dos 11 anos, a capacidade de autorregulação aumenta, e o uso de celulares passa a ser autorizado para fins pedagógicos, sob orientação dos professores. A presença desses dispositivos no ambiente escolar, quando bem orientada, pode promover práticas educativas mais inclusivas e efetivas, contribuindo com o processo de ensino-aprendizagem e respeitando as necessidades individuais dos estudantes (Rodrigues; Segundo; Ribeiro, 2018).

Outro aspecto importante da legislação era a atenção à saúde mental dos estudantes. As escolas deveriam abordar o tema do sofrimento psíquico, fornecendo informações sobre riscos, sinais e formas de prevenção, incluindo os efeitos do uso excessivo de telas e a chamada nomofobia. Estudos apontam que a nomofobia e o uso excessivo de celulares e redes sociais tem se tornado problemas recorrentes em uma sociedade cada vez mais conectada, afetando não apenas a saúde física e psicológica, mas também o desempenho acadêmico. Nesse sentido, é fundamental que as escolas, com o apoio dos professores e de órgão de saúde, desenvolvam ações no campo da educação para orientar os estudantes sobre os prejuízos que esse

comportamento pode causar ao processo de ensino e aprendizagem (Rabelo; Alexandre; Rodrigues, 2020).

Nomofobia é caracterizada como uma perturbação mental da sociedade virtual e digital atual e está relacionada a ansiedade, desconforto, nervosismo ou à angústia produzida pela falta de contato com o computador ou celular. Na maior parte dos casos é dito que esse mal é um medo doentio de permanecer distante da tecnologia. (Rabelo; Alexandre; Rodrigues, 2020, p.3).

Os professores também deveriam ser treinados para identificar sinais de sofrimento mental em contrapartida podendo oferecer espaços de escuta e acolhimento para alunos e funcionários que enfrentem dificuldades relacionadas ao uso de dispositivos eletrônicos, segundo artigo 4º, parágrafo 1º, da Lei 15.100/2025 que abaixo aduz:

§ 1º As redes de ensino e as escolas deverão oferecer treinamentos periódicos para a detecção, a prevenção e a abordagem de sinais sugestivos de sofrimento psíquico e mental e de efeitos danosos do uso imoderado das telas e dos dispositivos eletrônicos portáteis pessoais, inclusive aparelhos celulares. (Diário Oficial da União, Seção 1, 2025, p.3)

O tema dos celulares na educação gerou grande preocupação a especialistas, e à população em geral, devido aos impactos negativos no aprendizado, na concentração e na saúde mental das crianças e dos adolescentes, assim, foi preciso uma lei para regulamentar o uso, visando contornar as consequências negativas (Câmara dos Deputados, 2025). O uso excessivo dos celulares por parte de toda uma população, em especial as crianças, que estão em processo de desenvolvimento, mobilizaram as políticas públicas para reavaliarem as consequências disso. E assim, através do Decreto nº 12.385/2025, o qual regulamenta a Lei nº 15.100/2025, vieram a dispor legalmente sobre a restrição de uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas escolas (Brasil, 2025).

O intuito da legislação foi determinar não a total proibição, mas a restrição desses aparelhos pessoais para os estudantes no período que permanecem no ambiente escolar, ou seja, em sala de aula, no recreio ou intervalos, bem como, em todas as etapas da educação básica. O Poder público visou como finalidade a preservação da saúde mental, física e psíquica das crianças e dos adolescentes (Brasil, 2025). A restrição do uso dos aparelhos celulares no ambiente escolar, regulamentado pela Lei 15.100/2025, possibilitou a cada uma das redes de ensino e escolas, públicas e privadas, definirem suas próprias estratégias de implementação.

A lei sancionada em 2025 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, (PT) mantém as exceções já mencionadas, permitindo o uso em emergências, para garantir direitos fundamentais, fins pedagógicos, acessibilidade e condições médicas.

Art. 3º É permitido o uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais por estudantes, independentemente da etapa de ensino e do local de uso, dentro ou fora da sala de aula, para os seguintes fins:
I - garantir a acessibilidade;
II - garantir a inclusão;
III - atender às condições de saúde dos estudantes;
IV - garantir os direitos fundamentais. (BRASIL 2025).

Pelo Ministério da Educação (MEC) foram desenvolvidos dois guias de orientações destinados para redes de ensino e escolas, com o objetivo de comunicação e conscientização as escolas, informando professores, alunos e famílias sobre a vigência da lei e as novas regras de uso de celulares pelas crianças. As escolas tem autonomia para a definição de formas de aplicação da restrição, respeitando a legislação, mas, adequando as regras a sua realidade. Foi preciso a disponibilização de cursos aos professores para que eles possam acompanhar e fiscalizar se a lei será cumprida e o que fazer em caso de descumprimento. O alerta se deu em todos os âmbitos, inclusive oferecendo webinários e orientações específicas para os pais, auxiliando-os a compreender a importância da restrição e como apoiar seus filhos nessa transição (Ministério da Educação, 2025).

O desenvolvimento infantil é moldado por uma interação entre fatores inatos e adquiridos. O desenvolvimento físico está intimamente ligado ao aprimoramento das habilidades motoras, enquanto o avanço cognitivo ocorre através de uma série de estágios distintos. É relevante destacar que, especialmente em bebês, e em certos estágios da infância e adolescência, a capacidade de concentração não é totalmente voluntária devido a sua consciência ainda em formação. Por essa razão, objetos com cores vibrantes, movimentos e sons podem despertar grande fascínio. A tela do smartphone é um exemplo desses objetos, muitas vezes introduzidos cedo na vida das crianças, o que pode criar um forte apelo psicológico (Freire; Siqueira, 2019).

De acordo com, estudos de Chang (2022), durante a pandemia de COVID-19, observou-se um aumento significativo no risco de crianças e adolescentes desenvolverem vício em internet (Internet Addiction – IA) ou transtorno de jogo pela internet (Internet Gaming Disorder – IGD). De modo geral, o uso prolongado da internet e de jogos eletrônicos, impulsionado pelas medidas de distanciamento social e pela limitação de interações presenciais, contribuiu para o crescimento das taxas desses transtornos em populações infantojuvenis. Embora o foco de

muitos especialistas em saúde mental tenha se voltado, sobretudo, aos sintomas de depressão e ansiedade manifestados nesse grupo durante a pandemia, houve um crescimento da preocupação com os impactos psicológicos e físicos advindos do transtorno de jogo pela internet, o que reforçou a necessidade de desenvolvimento de estratégias preventivas e de tratamentos voltados a essa condição. Mesmo antes da pandemia, a prevalência do vício em internet e do transtorno de jogo já apresentava índices alarmantes entre crianças e adolescentes. O acesso cada vez mais facilitado a smartphones e conexões sem fio em escala global contribuiu para a consolidação desses padrões de comportamento entre jovens.

Para promover o desenvolvimento saudável das crianças, é vital que elas tenham acesso a uma variedade de estímulos do ambiente ao seu redor e sejam encorajadas a explorar e fazer descobertas de forma independente. É essencial proporcionar interações próximas e atividades que estimulem a imaginação e a criatividade infantil. No entanto, é preocupante observar uma crescente preferência pelo tempo excessivo em frente às telas, o que pode impactar negativamente o desenvolvimento de habilidades sociais cruciais, como a capacidade de estabelecer relacionamentos, fazer amizades e lidar com as próprias emoções. Essas habilidades fundamentais muitas vezes não são cultivadas por dispositivos eletrônicos (Correa et al., 2016).

Considerando os efeitos da tecnologia no desenvolvimento de crianças e adolescentes, o objetivo deste estudo foi identificar, através da visão dos pais, como é o uso do celular por seus filhos, avaliando o impacto deste uso no desenvolvimento e quais são suas condutas em relação ao uso das crianças a essa tecnologia.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Caracterizar o uso de celulares por crianças entre 6 à 12 anos, a partir da visão de seus pais ou responsáveis.

2.2 Específicos

Caracterizar, a partir da visão dos pais, os impactos do uso de celulares pelas crianças, no desenvolvimento geral, desempenho escolar, nas habilidades sociais.

3 JUSTIFICATIVA

O celular vem se tornando objeto indispensável na vida de muitas pessoas e ocupando uma posição importante, principalmente no cotidiano das crianças. Observa-se uma crescente discussão acerca do tema, sobre questões como: tempo ideal do uso de celulares pelas crianças, prejuízos no desenvolvimento delas, conteúdos adequados e inadequados, aumento de ansiedade e dependência entre outros (Oliveira, Barroco, 2023).

O presente estudo mostrou-se social e cientificamente necessário, pois entender como os pais de fato estão compreendendo essa temática, como observam o impacto desse uso no desenvolvimento de suas crianças e de que forma elas estão utilizando os seus aparelhos celulares, pode ser importante para, a partir disso e dos resultados obtidos, gerar novas discussões acerca da temática, possibilitando novos caminhos de intervenções e orientações para os pais ou responsáveis em relação ao público infantil.

4 MÉTODO

4.1 Participantes e Local

Neste estudo, os participantes entrevistados foram seis mães de crianças das seguintes idades e sexos: três meninas com idades de 6 anos, 9 anos e 11 anos; 3 meninos com idades de 7 anos, 11 anos e 12 anos. Todas as crianças possuindo acesso à tecnologia, especificamente à smartphones.

As entrevistas foram feitas de forma presencial, após aprovação do Comitê de Ética em pesquisa (ANEXO 1), com as mães, na cidade de Bauru. As mães foram selecionadas por conveniência, a partir da indicação de contatos conhecidos das pesquisadoras.

Após esse primeiro contato com o envio de um convite para a participação (ANEXO 2), as entrevistas foram agendadas e realizadas de acordo com a disponibilidade dos participantes, no escritório particular de propriedade de uma das pesquisadoras.

4.2 Instrumentos e materiais

O principal instrumento utilizado foi um Roteiro de entrevista (ANEXO 3) criado pelas autoras composto por 12 questões que trataram de variáveis como: conteúdos consumidos,

tempo médio de utilização, se a criança possuía um smartphone próprio, se existia monitoramento e regras dos pais em relação ao uso, se foi observado algum prejuízo nas atividades diárias da criança, qual o ambiente que a criança utiliza o smartphone, se houve alguma contribuição negativa ou positiva pelo uso do aparelho.

Os aparatos de pesquisa foram: canetas, folha sulfite, computador e celular.

4.3 Procedimentos para coleta de dados

Os participantes do estudo foram escolhidos por conveniência, por meio de conhecidos dos pesquisadores. Após um primeiro contato, expondo detalhadamente os propósitos da nossa pesquisa, foi combinado um horário de preferência para o participante, no escritório de uma das pesquisadoras. Os participantes foram agendados de forma individual, em horários distintos.

No momento das entrevistas com as mães, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando uma compreensão plena por parte dos pais, para que eles pudessem realizar as assinaturas. Posteriormente foi iniciada a entrevista semiestruturada, que foi gravada por meio de telefone celular. Os encontros duraram em média 60 minutos, desde a chegada, acomodação do entrevistado, leitura do termo, entrevista, espaço para acolhimento e esclarecimento de dúvidas. A etapa das entrevistas seguindo o roteiro de perguntas, duraram em média de 10 à 30 minutos do encontro. Foram realizadas com a presença das quatro pesquisadoras, sendo que nas duas primeiras entrevistas, duas pesquisadoras, realizaram as perguntas, uma pesquisadora realizou a gravação do áudio, e uma realizou a observação e transcrição. Nas demais entrevistas, somente uma pesquisadora realizou as perguntas e demais pesquisadoras se dividiram entre observação, gravação do áudio e transcrição das entrevistas.

Os dados obtidos, com as gravações e transcrições das falas dos participantes, foram mantidos em um pen-drive protegido por senha, acessíveis apenas pelas pesquisadoras responsáveis e ao orientador, conforme normas éticas e pelo tempo determinado pelas resoluções nº 466/12 e nº 510/16. As entrevistas foram transcritas integralmente (conforme ANEXO 4), com a devida preservação da identidade das participantes, cujos nomes foram substituídos por letras e números, sendo “P” para mães e “C” para as crianças e os números de 1 à 6, acompanhando as letras, para identificar a ordem das participantes e as respectivas crianças. Além disso, quaisquer informações que pudessem permitir a identificação das respondentes foram suprimidas, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

4.4 Procedimentos para análise de dados

A pesquisa se fundamentou em uma abordagem qualitativa na qual buscamos, a partir das gravações, transcrever as entrevistas e analisar por categorias: Sobre o uso do celular, qual o tipo de conteúdo consumido, as impressões em comum dos pais das crianças, tempo médio de utilização, se a criança possuía um *smartphone* próprio, se existia monitoramento e regras dos pais em relação ao uso, se foi observado algum prejuízo nas atividades diárias da criança, qual o ambiente que a criança utiliza o *smartphone*, se houve alguma contribuição negativa ou positiva pelo uso do aparelho e posteriormente, avaliamos os impactos do uso do *smartphone* no desenvolvimento da criança na visão dos pais através das respostas obtidas na entrevista.

Após a conclusão da etapa de coleta dos dados, iniciamos a análise temática, método que, segundo Clarke e Braun (2013), refere-se à forma como os dados produzidos são organizados e interpretados com o objetivo de identificar padrões de significados recorrentes. A análise temática (AT) consiste na busca sistemática, por parte dos pesquisadores, por regularidades e sentidos que emergem do conteúdo obtido nas entrevistas. Tal método é composto por seis etapas: primeira: familiarização com os dados, segunda: geração de códigos iniciais, terceira: busca por temas, quarta: revisão dos temas, quinta: definição e nomeação dos temas e, por fim, sexta: elaboração do relatório. Destaca-se que esse processo envolve um movimento contínuo e recursivo entre as fases, permitindo revisões e aprofundamentos ao longo da análise.

Nas etapas de familiarização, geração de códigos e busca por temas, o foco principal foi a imersão no material empírico, com vistas à construção de uma relação de familiaridade e engajamento reflexivo com os dados. Para isso, realizou-se uma leitura criteriosa das transcrições, o que possibilitou um aprofundamento nas narrativas das participantes e a identificação de padrões e significados preliminares. Na sequência, deu-se início à geração dos códigos iniciais, etapa na qual foi construída uma extensa lista de temas potenciais, ainda em estágio exploratório. Nesse momento, empregou-se também uma análise comparativa entre as entrevistas, permitindo a identificação de elementos recorrentes e convergentes nas falas dos sujeitos. A partir desses agrupamentos iniciais, iniciou-se o processo de construção dos primeiros temas, os quais buscavam sintetizar e representar o conteúdo latente das falas, articulando-os com o referencial teórico previamente apresentado.

Nas etapas subsequentes, a análise concentrou-se no refinamento e na definição dos temas, de modo a garantir coerência interna, abrangência e relevância teórica. Para identificar os temas definidos nas entrevistas, utilizou-se o sistema de cores, sendo cada tema, destacado

de uma cor, desse modo o conteúdo das entrevistas foi sendo grifado com a cor correspondente ao tema, facilitando o agrupamento dos conteúdos para posterior tabulação dos dados e análise. Paralelamente, deu-se início à elaboração da discussão, com base tanto nos dados empíricos quanto no arcabouço teórico mobilizado anteriormente. Assim, tornou-se possível avaliar a pertinência dos temas construídos, verificando se estes refletiam, de maneira clara e consistente, os significados centrais emergentes das entrevistas, proporcionando, portanto, um recorte analítico objetivo e fundamentado do material analisado.

4.5 Ressalvas éticas

A presente pesquisa respeitou e atendeu todas as normas éticas de pesquisa com seres humanos orientados pelas Resoluções do CONEP nº 466/12 e nº 510/16. Ao início das entrevistas, foram explicitados os riscos e benefícios da pesquisa e a garantia do anonimato e sigilo dos dados dos participantes, os quais foram voluntários. Caso o participante solicite, será disponibilizado os resultados da pesquisa, realizada pelas estudantes, conforme a conveniência dos participantes. No momento anterior ao início da entrevista foi apresentado os esclarecimentos sobre a possibilidade de não participação do presente estudo, podendo aqueles que desejarem participar, assinarem o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE).

5 RESULTADOS

Foram realizadas, ao todo, seis entrevistas com mães de crianças entre 6 e 12 anos. As participantes da pesquisa eram todas mulheres com idades entre 27 e 44 anos. Todas trabalhavam, mas tinham diferentes níveis de formação acadêmica. As participantes foram denominadas P., enquanto seus filhos(as) serão descritos como C. (criança), com o mesmo número.

A partir das entrevistas realizadas, foram obtidos, como resultados, que dentre as seis crianças, quatro já possuem smartphones próprios, sendo elas: C1 com 11 anos de idade, C3 com 11 anos de idade, C5 com 11 anos de idade e C6 com 12 anos de idade, estas crianças passaram a ter seus smartphones próprios por volta de 6 a 9 anos de idade. As duas crianças com idade de seis e sete anos (C4 e C2), ainda não possuem smartphones próprios, porém utilizam dos pais e tem acesso a eles desde 3 e 2 anos de idade respectivamente. A caracterização das participantes e suas crianças se apresenta na Tabela 1.

Tabela 1. Descrição das participantes da pesquisa.

Participante	Idade	Escolaridade /Profissão	Idade da criança	Sexo da criança
P1	37 anos	E.M. Completo/ Supervisora de vendas	11 anos	Feminino
P2	40 anos	E.M. Completo/ Vendedora Jr.	7 anos	Masculino
P3	30 anos	E. M. incompleto/ Cabeleireira	11 anos	Feminino
P4	27 anos	E. M. Completo/ Assistente Administrativo Jr.	6 anos	Feminino
P5	40 anos	E. S. completo / Televendas	11 anos	Masculino
P6	44 anos	E. F. incompleto/ Auxiliar de Limpeza	12 anos	Masculino

Vale salientar que das seis mães, três delas possuem outros filhos. P1 tem uma filha mais velha, com idade de 14 anos, P2 também tem uma filha mais velha, de 18 anos, e P6 tem outros dois filhos mais velhos, com idades 17 e 22 anos. Estes dados são relevantes na Discussão sobre os tipos de supervisão, controle e preocupação que as participantes têm com seus filhos(as) (C).

Em relação ao tempo de uso dos celulares pelas crianças, observou-se uma média de duas horas e meia por dia, sendo que a C1 utiliza de três a quatro horas por dia (uma hora no período da manhã e as demais no período da noite); C2 utiliza por cerca de duas horas diárias, no período do final da tarde, após a escola; C3 fica de uma a quatro horas por dia, após realizar as tarefas escolares (geralmente do final da tarde para noite); C4 utiliza o celular por uma ou uma hora e meia durante o período da noite; C5 também utiliza de uma a uma hora e meia no período da tarde para noite (após chegar da escola); e apenas uma mãe, a de C6, não soube especificar o tempo que seu filho utiliza o smartphone.

Quanto às regras para utilização do celular, novamente, todas, menos P6, relataram que estipulam algumas regras para utilização, especificamente sobre horário e conteúdo a ser consumido. Para utilização, P2, P3, P4 e P5 estipularam que as crianças podem utilizar o

smartphone após realizarem as tarefas escolares; a P3 e P4, determinaram tempo de uso máximo de uma hora e meia por dia; P2 inclui no uso, conteúdos que ela considera didático além de entretenimento, e P4 permite somente o acesso a conteúdo infantil.

A partir das entrevistas, foi realizada uma análise qualitativa, com a identificação de temas recorrentes nas falas das entrevistadas. Foram estruturados cinco temas que expressam como os participantes entendem o impacto do uso do smartphone por suas crianças. Tais temas foram organizados conforme as etapas do processo de análise temática descritas anteriormente no procedimento para análise de dados, e descritos no quadro a seguir:

Tabela 2. Temas gerais estabelecidos para a análise do conteúdo das entrevistas.

Tema 1	Benefícios e malefícios do uso de celulares
Tema 2	Uso supervisionado pelos responsáveis
Tema 3	Mudanças de comportamento pelo uso do smartphone
Tema 4	Conteúdos consumidos no smartphone
Tema 5	A visão dos pais sobre o uso das tecnologias.

Os resultados encontrados de acordo com os temas identificados nas entrevistas serão apresentados abaixo.

Tema 1: Benefícios e malefícios do uso de celulares

Nesta categoria, foram analisadas as percepções das mães quanto aos aspectos positivos e negativos associados ao uso de celulares pelas crianças.

Os relatos evidenciam que, quando utilizado com supervisão, o aparelho pode proporcionar aprendizados, facilitar a autonomia, auxiliar nas tarefas escolares, além de promover contato com o mundo atual e socialização com amigos e familiares. Um ponto recorrente nos depoimentos é o estímulo à aprendizagem. As mães relataram que os filhos utilizam o celular como ferramenta de apoio para conteúdos escolares, aprendizagem de idiomas, desenvolvimento de memória, alfabetização e até mesmo pesquisas de temas diversos. Esse uso educativo foi reforçado por todas as mães.

“E tem benefícios do conhecimento, né, que ela pode usar isso também pra pesquisa de escola” (P3)

“Galinha Pintadinha ensina bastante o alfabeto e as cores.” (P2)

“O desenvolvimento seria mais o lúdico mesmo, né, no qual está ali mostrando, ela está tendo esse tipo de percepção visual, auditiva também e o conhecimento de aprendizagem mesmo, que talvez a gente, pai e mãe, não conseguem desempenhar.” (P4)

“Ele gosta de coisas de memória, então ele busca bastante, parte de inglês, ele busca bastante.” (P5)

“Ele aprendeu a falar, escrever números japoneses através da internet” (P5)

Outro benefício citado pelas mães foi o estímulo à autonomia. Algumas participantes relataram que os filhos desenvolveram maior independência ao utilizar o celular para buscar respostas, explorar conteúdos e resolver tarefas sem a necessidade de ajuda imediata.

“Se ela não sabe uma palavra, ensino a procurar no Google antes de me perguntar.” [...] “Isso estimula a autonomia para descobrir o que ainda não se sabe.” (P1)

O uso do celular também aparece como uma ponte para o contato social, especialmente em situações em que não há crianças da mesma faixa etária por perto ou quando há distanciamento físico de familiares:

“Ela consegue conversar com os amigos e com a família.” [...] “Ela consegue ter contato com o que está mais distante, por não ter crianças da mesma faixa etária por perto.” (P1)

Já sobre os efeitos negativos do uso de celulares foram mencionadas questões como dependência, prejuízos emocionais, maturidade precoce, riscos da internet, distanciamento social, dificuldades para dormir e até mesmo alteração na cognição. Um dos pontos mais citados pelas mães foi o impacto emocional que o uso do celular tem causado nas crianças, especialmente quando utilizado de forma excessiva ou com acesso a conteúdo inadequados. As entrevistadas relataram mudanças como nervosismo, irritação, ansiedade e frustração. As reações costumam ocorrer tanto durante o uso, principalmente em jogos, quanto quando o celular é retirado das mãos da criança.

“Se você tira o celular na hora que ele tá gostando, ele fica nervoso, agitado, bravo” (P2)

“Aí eu vejo que às vezes ele fica mais agressivo.” (P5)

“Quando ele começa a jogar, ele fica muito nervoso.” [...] “Está mexendo com o emocional dele.” (P6)

A dependência do aparelho também foi apontada como um fator preocupante para as mães, interferindo nas brincadeiras, na disposição para outras atividades e até mesmo na socialização com outras crianças:

“Ela se tornou um pouquinho dependente em todas as tarefas, até mesmo pra brincar com os amigos.” [...] “A dependência é brincar no celular, não descer no condomínio.” (P1)

“Bom, entre essas questões, eu acho que mais o social, né, que muitas das vezes ela prefere estar ali mais interativa com o celular, com algum conteúdo que esteja passando, do que socializar.” (P4)

Algumas mães demonstraram preocupação com o conteúdo acessado e com os perigos existentes na internet, destacando o medo de exposição e a inocência das crianças:

“O grande perigo é a abrangência da internet.” (P1)

“O medo é de quem está do outro lado... eles acham que todo mundo é bonzinho, como o Lucas Neto.” (P2)

“Sim, existem riscos, né, e principalmente em relação à maldade que tem por trás aí da rede social, apesar da gente ficar sempre atento.” (P4)

“Tem vídeos que não é bacana, então a gente tem que ficar monitorando.” (P5)

“Existe risco, né, porque hoje em dia tem bastante coisa que influencia, né, a criança, então acredito que tem risco sim.” (P3)

Também foram mencionadas pelas mães algumas consequências mais sutis em suas perspectivas, mas igualmente relevantes, como o amadurecimento precoce e o uso da mentira diante das regras impostas pelos pais. P1 relatou perceber um comportamento mais avançado do que o esperado para a idade da filha, enquanto P2 observou que, apesar do entendimento das consequências, o filho às vezes recorre à mentira para continuar usando o celular.

Tema 2: Uso supervisionado pelos responsáveis

Diante dessa temática encontrou-se que o controle parental se mostrou uma prática adotada de forma variada entre as participantes. Algumas mães relataram que utilizam aplicativos de monitoramento, que permite que elas vejam os conteúdos acessados por seus filhos através do seu próprio celular;

“O acompanhamento, né, que eu instalei um aplicativo pra controlar o que ela vê, o que ela não vê, acredito que acompanhando.” (P3).

Outra forma de supervisão apontada, foi estar presente junto às crianças durante o uso do aparelho, em alguns casos solicitando que a criança deixe o aparelho no modo “viva voz”, para que os pais consigam acompanhar o que está sendo consumido por eles:

“Agente tá sempre do lado, olhando o que ele vê” (P2)

“Eu deixo na viva voz, então tô sempre monitorando” (P5)

O estabelecimento de regras claras, apareceu também como uma estratégia de controle e monitoramento, algumas regras descritas pelas entrevistadas foram: liberar o uso do smartphone quando a criança apresenta bom comportamento com os pais ou na escola; quando não há reclamações da escola ou da babá; utilizar somente depois de concluir as tarefas da escola e ainda não levar o celular para a escola.

“Ela só usa o celular quando mantém bom comportamento.” (P1)

“Tentamos trocar: Só assiste se fizer outra atividade antes” (P2)

“Ele não leva na escola também. Fica em casa só no momento que ele não tem o que fazer” (P5)

Delimitar o tempo de uso, e o conteúdos assistidos, foi colocado por elas como forma de supervisão, algumas mães afirmaram liberar apenas perfis e aplicativos com conteúdos próprios para idade de seus filhos.

“Ela não entra em redes sociais, somente em um perfil do youtube que a gente apropriou para ela no qual passa somente conteúdo infantil.” (P4).

As participantes relataram que algumas vezes direcionam o uso para aplicativos que consideram mais pedagógicos.

“Direcionamos o uso: por exemplo, joguinhos que ajudam na coordenação motora (piano)” (P2)

Disseram ainda que analisam o histórico do que foi visto por eles. Relatam que avisam que estão monitorando os filhos e os advertem quando percebem conteúdos inapropriados;

“Olho o que ele vê, dou bronca se for algo que não deve” (P2).

Apenas uma mãe (com o filho mais velho, de 12 anos) admitiu não realizar supervisão, relatou ter dificuldade em manter o controle, devido a sua ausência durante alguns períodos do dia, disse também não saber quanto tempo o filho passa utilizando o celular;

“Ele joga, fala com os amigos dele, mas eu não vejo o celular dele” (P6).

Tema 3: Mudanças de comportamento pelo uso do smartphone

Nesta categoria, foram analisadas as percepções das mães sobre as mudanças comportamentais observadas em seus filhos após o uso do smartphone no cotidiano. A partir das entrevistas, foi possível identificar padrões que envolvem alterações emocionais, sociais e de atenção, bem como mudanças na rotina, como a influência no sono e na disposição para atividades.

Um dos padrões mais recorrentes foi a irritabilidade e o nervosismo diante da interrupção do uso do aparelho. A mãe P2 relatou que o filho “fica nervoso, agitado, bravo se tira o celular”, e esse tipo de reação também foi reforçado por P5 e P6, que relataram oscilações de humor associadas ao tipo de conteúdo assistido. As crianças demonstravam comportamentos mais agressivos ou, em outros momentos, euforia e agitação. Segundo P6:

“Quando ele começa a jogar, fica muito nervoso, irritadinho”. (P6)

“Às vezes deixa em um estado depressivo, agitado, irritado.” [...] “Tem vídeo que não é bacana, vejo que às vezes, ele fica mais agressivo” (P5)

Além das emoções, foram identificadas mudanças nos comportamentos das crianças na questão da insistência, desatenção e maturidade precoce, apontados por algumas mães. A mãe P1 observa:

“Atitudes como interromper coisas que a gente nunca ensinou interromper conversa de adulto, ou ser insistente em algo quando a gente já falou não né, ela passou de uns dois meses para cá

a gente começar a corrigir. Eu acredito que seja, ou a tratativa que ela tem com outras crianças, mas principalmente eu acredito que seja algo no smartphone.” (P1)

Outro ponto importante é a dificuldade de concentração nas atividades cotidianas. As mães P1 e P2 relataram que os filhos passaram a “desfocar” das tarefas e que precisam ser constantemente lembrados de suas obrigações, a P2 relata:

“Tem dificuldade de cumprir atividades espontaneamente, precisa de lembretes.” (P2)

Por fim, algumas mães apontaram ainda a interferência no sono, especialmente pela agitação à noite após o uso contínuo da tela.

Tema 4: Conteúdos Consumidos

Foram analisados os tipos de conteúdo acessados pelas crianças no uso do smartphone, segundo a percepção de seus responsáveis. A partir das entrevistas, foi possível identificar que, embora haja uma variedade de usos, os conteúdos se concentram em entretenimento (vídeos e jogos), comunicação com amigos e familiares, e atividades com fins educativos.

O entretenimento aparece como a categoria mais recorrente entre os relatos. Crianças de diferentes idades acessam com frequência vídeos no YouTube, vídeos de humor ou entretenimento livre. Algumas mães destacaram o consumo de jogos variados, sendo descritos como parte da rotina diária. Como relatado pela P2:

“Vê muitos ‘shorts’ de futebol, Cristiano Ronaldo, Ronaldinho e jogos”. (P2)

Além disso, várias mães apontaram que os filhos usam o celular como ferramenta de comunicação, principalmente via *WhatsApp*, para interagir com amigos e familiares. Essa prática foi relatada nas entrevistas da P1, P3 e P6. A presença de redes sociais também foi mencionada, ainda que com restrições. Uma das entrevistadas (P3) destacou que a filha tem uma conta no Instagram, mas em perfil privado e com controle dos pais.

Por outro lado, os dados também indicam que o smartphone tem sido utilizado para fins educativos. Algumas crianças buscam conteúdos escolares, estudam inglês ou usam o Google para tirar dúvidas e fazer traduções. A mãe da P5 relatou:

“Pega até conteúdo de escola ali pra estudar” [...] “busca bastante parte de inglês”. (P5)

A entrevistada P1 também destacou que a filha recorre ao Google para procurar palavras ou obter traduções quando não compreende algo.

Tema 5: A visão dos pais sobre o uso das tecnologias.

As entrevistas revelaram uma compreensão ambivalente em relação ao uso da tecnologia por crianças, oscilando entre o reconhecimento dos benefícios e a preocupação com os riscos. As falas expressam uma consciência sobre os impactos do uso precoce e prolongado do smartphone na infância, ao mesmo tempo em que refletem os desafios enfrentados pelas famílias em equilibrar os limites.

De modo geral, os responsáveis reconhecem que a tecnologia oferece recursos importantes para o aprendizado, comunicação e entretenimento. A mãe P3 ressalta que o celular "ajuda bastante" na escola, especialmente quando é utilizado para pesquisas. Já a entrevistada P5 destaca que o filho utiliza o celular para buscar conteúdos escolares e aprender inglês:

“Ele pega até conteúdo de escola ali pra estudar, busca bastante parte de inglês”. (P5)

Foi relatado pela mãe P6, um certo perfeccionismo, uma insatisfação permanente, conforme sua fala:

“Muitas vezes eu falo para ele que tenha que ir com mais calma, paciência esperar, ele fala que quando ele tem que fazer ele tem que fazer. Então, eu vejo assim, que não atrapalha, mas que está mexendo com o emocional dele, ele tem que fazer naquela hora, enquanto ele não conseguir ele não vai parar”. (P6)

Contudo, os relatos também revelam preocupações relevantes, como o surgimento de comportamentos dependentes, acesso a conteúdos inadequados e perda de interesse em atividades presenciais. A mãe P1 comenta que a filha demonstra sinais de dependência:

“Às vezes não está nem fazendo nada, mas o celular precisa estar com ela”. (P1)

A participante P6 complementa com a percepção de uma maturidade precoce:

“A gente colhe frutos, querendo ou não, da parte ruim dessa tecnologia”. (P6)

A maioria das mães entrevistadas defende que o uso da tecnologia pelas crianças deve ocorrer com acompanhamento dos pais, controle de conteúdo e limitação de tempo. Estratégias como o uso de aplicativos de monitoramento, bloqueio por faixa etária e conversas frequentes foram mencionadas como formas de minimizar os riscos e ampliar os benefícios. Para algumas, a presença dos dispositivos é vista como inevitável e, por isso, o foco deve estar em uma mediação ativa e consciente. A entrevistada P4 e P5 afirma a necessidade de impor limites:

“Tudo tem que ter um certo controle, e eu acho que o celular tem que ter mais ainda” (P4)

“Tem que ter horário pra tudo, pra não ficar muito preso” (P5)

Em resumo, a visão geral dos pais entrevistados aponta para um entendimento que valoriza o potencial educativo e comunicativo da tecnologia, mas também reconhece a necessidade de intervenção para que o uso não se torne prejudicial ao desenvolvimento infantil.

6 DISCUSSÃO

O uso de smartphones por crianças na faixa etária de 6 a 12 anos tem se tornado um fenômeno cada vez mais presente na realidade familiar, refletindo as transformações culturais e tecnológicas da contemporaneidade. A presente pesquisa tinha como objetivo identificar a percepção sobre o uso de smartphones por seus filhos ainda crianças, e esse objetivo foi alcançado, com algumas informações relevantes. A análise das entrevistas revelou que as mães compreendem esse uso como uma necessidade imposta pelo contexto atual, mas ao mesmo tempo demonstram sentimentos ambivalentes quanto aos efeitos que ele pode gerar no desenvolvimento infantil. Essa tensão entre a aceitação da tecnologia e a preocupação com seus impactos marca grande parte das falas analisadas.

Inicialmente, as mães destacaram aspectos positivos relacionados ao uso dos dispositivos, como o estímulo à autonomia, a facilidade de acesso a conteúdo informativo e a possibilidade de manter vínculos afetivos, especialmente durante o período de distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19. Esse relato se alinha ao que afirmam autores como Correa et al. (2016), que enfatizam o potencial dos recursos digitais, quando bem mediados, para fortalecer conexões sociais e auxiliar no bem-estar emocional das crianças.

Segundo relato de P5, seu filho, na tentativa de se comunicar e se conectar com suas origens orientais, passou a buscar conteúdos em língua japonesa, com o objetivo de se

aproximar da avó, que é descendente de japoneses. Conforme Neumann e Missel (2019), o uso da tecnologia também impacta na relação familiar, sendo um aspecto positivo a promoção da aproximação e no compartilhamento de informações entre gerações.

Além disso, algumas mães como a P2, P5 e P6, enxergaram nos smartphones uma ferramenta útil para o apoio às atividades escolares e para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e linguísticas. O relato dessas mães corrobora com a visão dos autores Rodrigues, Segundo e Ribeiro (2018) que mencionam que o uso do smartphone vem a promover práticas educativas mais inclusivas e efetivas, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem.

Apesar dos pontos positivos relatados, ao longo das entrevistas, todas as mães relataram episódios negativos e mudanças no comportamento de seus filhos, tornando-se evidente que as cuidadoras percebem possíveis malefícios. Foram relatados pelas mães P2, P5 e P6 comportamentos como dependência excessiva dos aparelhos, resistência ao cumprimento de tarefas sem o uso do celular, sinais de irritabilidade, nervosismo ante a interrupção de uso do aparelho, impulsividade, ansiedade, oscilações de humor de acordo com o conteúdo assistido (como comportamento agressivo, euforia e agitação), desatenção e "maturidade precoce". Além desses, foram relatados também episódios de mentira para burlar regras de uso. Essas manifestações são compatíveis com sintomas observados em quadros de uso problemático da tecnologia, conforme identificado por pesquisas recentes, que associam a exposição prolongada e sem supervisão a conteúdos digitais com prejuízos na autorregulação emocional, no desenvolvimento de habilidades sociais e no equilíbrio psicológico das crianças (Chang et al., 2022), do uso excessivo de celulares com o distúrbio de sono e alterações comportamentais (Balbani; Krawczyk, 2011), e comprometimento da motivação, tornando as atividades cotidianas e escolares menos atrativas e evolutivas (Oliveira; Barroco, 2023).

Outros relatos específicos foram associados e questões descritas também na literatura, como é o caso de P1, que relatou que a filha possui a necessidade de ter o smartphone ao seu alcance, como uma dependência, o que confirma o estudo de Rabelo, Alexandre e Rodrigues (2020) descrevendo a nomofobia, que nada mais é do que um certo nervosismo, ansiedade ou a angústia pela falta de contato com o computador e o celular.

Sobre o tema da supervisão e preocupação com o uso dos celulares, um aspecto recorrente nas falas das mães entrevistadas foi o desejo de exercer maior controle sobre o uso dos smartphones pelos filhos. Ainda assim, a maioria reconhece que, na prática, esse controle é limitado ou ausente, seja por falta de tempo, seja por desconhecimento de estratégias eficazes de mediação, e reconhecem o risco da falta de controle. Diante desse cenário, torna-se urgente refletir, à luz da Psicologia do Desenvolvimento, sobre o papel da mediação parental no uso da

tecnologia. Carvalho (2024) aponta o papel central das interações sociais e das ferramentas culturais no processo de desenvolvimento humano. Se hoje os dispositivos digitais fazem parte desse conjunto de ferramentas, cabe aos adultos a responsabilidade de mediar seu uso de forma crítica, equilibrada e baseada em evidências.

Um aspecto relevante observado nas entrevistas diz respeito à relação entre a rotina de trabalho das mães e a dificuldade em exercer a supervisão do uso dos smartphones pelos filhos. A participante P6 foi a que mais evidenciou essa questão, relatando limitações em administrar de forma eficaz o tempo e o conteúdo acessado pela criança em função de sua carga de trabalho. Esse dado reforça que, embora exista a intenção de impor regras e acompanhar o uso, a rotina pode restringir a presença e o controle efetivo. Tal realidade dialoga com o que apontam Deus; Zappe; Vieira (2022), ao destacar que a jornada dupla de trabalho das mulheres, marcada pela conciliação entre atividades profissionais e responsabilidades domésticas, impacta diretamente na disponibilidade de tempo e energia para a mediação parental. Assim, compreende-se que a sobrecarga enfrentada pelas mães não apenas dificulta o acompanhamento contínuo, mas também amplia os desafios relacionados ao estabelecimento de limites claros e consistentes no uso das tecnologias pelas crianças

Na ótica das mães entrevistadas é de suma importância a fiscalização, acompanhamento do uso dos smartphones pelas crianças, como uma mediação parental restritiva. Observou-se que as mães P1, P2, P3, P4 e P5, impõem regras a utilização, diferentemente da mãe P6, que não consegue administrar a utilização coerente de seu filho. A Participante 6 era a mais velha (44 anos), com menor grau de escolaridade (Ensino Fundamental Incompleto) e com os filhos mais velhos dentre todas as participantes. Estes aspectos são importantes para discutir a maior preocupação sobre o uso dos celulares por crianças mais jovens, mas principalmente em relação a variáveis associadas à quantidade de filhos e rede de apoio, assim como a rotina de trabalho e dupla jornada na vida de mães, e possibilidade real de exercer algum controle do uso da tecnologia por jovens e crianças. Nesse sentido, Neumann e Missel (2019) ressaltam que as famílias contemporâneas enfrentam o desafio constante de assimilar a presença das tecnologias, que, embora possam aproximar pais e filhos ao facilitar a comunicação, também podem gerar afastamento afetivo, exigindo estratégias para que sejam usadas como instrumento de fortalecimento das relações parentais.

Considerando a necessidade de maior controle sobre o uso dos celulares, é fundamental que pais e responsáveis sejam orientados por meio de ações educativas e políticas públicas que promovam o uso consciente das tecnologias. Campanhas de informação, produção de materiais acessíveis e parcerias com escolas e serviços de saúde podem auxiliar no fortalecimento das

competências parentais, contribuindo para que a inserção das crianças no ambiente digital ocorra de forma saudável e compatível com suas necessidades de desenvolvimento infantil.

A presente pesquisa apresenta algumas limitações, como a escolha por um grupo de mães relativamente heterogêneo, apesar de trazer uma riqueza de vivências, não nos permite compreender as dificuldades de um grupo específico, sendo essa uma sugestão para futuros estudos, um maior enfoque em grupos específicos, quanto ao sexo, idade, classe socioeconômica, e outros.

Além da heterogeneidade do grupo, as variáveis escolhidas para a análise limitaram um aprofundamento de como se davam as relações parentais abordadas. Com a escolha de outras variáveis de interesse, seria possível desenvolver uma análise mais completa, comparando a realidade de cada participante, bem como o desenvolvimento infantil de cada criança. Quanto a este ponto, futuros estudos podem, a partir de um foco maior em variáveis específicas sobre o tema (como por exemplo a rotina das famílias, ou mesmo o uso dos celulares por todos os membros da família, mas também sobre a quantidade de filhos, jornada de trabalho e existência ou não de rede de apoio), e assim desenvolver uma análise mais aprofundada sobre o tema.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a percepção de pais e responsáveis sobre o uso de smartphones por crianças de 6 a 12 anos, analisando seus impactos no desenvolvimento infantil. Constatou-se que, embora a tecnologia proporcione benefícios como estímulo à autonomia, comunicação e acesso à informação, o uso precoce e sem acompanhamento adequado levanta preocupações importantes. A presença constante desses dispositivos exige habilidades de supervisão nem sempre consolidadas, dificultando a definição de limites saudáveis.

As entrevistas mostraram que, mesmo reconhecendo aspectos positivos, muitas mães relataram insegurança e dificuldade em impor regras claras. Algumas acreditam controlar o uso, mas admitem que esse controle pode ser superficial. A ausência de orientações confiáveis e o desconhecimento dos riscos do uso excessivo foram apontados como fatores preocupantes. De modo geral, as mães veem os smartphones como ferramentas compatíveis com a realidade atual, mas destacam riscos como comportamentos compulsivos, dificuldade de impor limites e impactos emocionais. Essa dualidade revela a normalização do uso precoce, muitas vezes sem estratégias claras de orientação.

O estudo atingiu seus objetivos, mesmo com suas limitações, e os resultados oferecem uma visão relevante sobre a vivência das famílias diante da tecnologia na infância. Os dados aqui descritos reforçam a importância de ampliar o debate entre pais, escolas, profissionais de saúde e sociedade, bem como de investir em políticas públicas, campanhas educativas e materiais de apoio. Sugere-se a realização de estudos longitudinais para acompanhar os efeitos do uso de smartphones ao longo da vida das crianças.

Conclui-se que o uso de smartphones na infância requer reflexão, diálogo e responsabilidade compartilhada entre família, escola, profissionais e poder público, a fim de garantir que a tecnologia seja aliada no desenvolvimento e não um fator de risco.

8 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Comissão de Educação aprova projeto que proíbe celular em escolas.** Brasília: Agência Brasil, 31 out. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-10/comissao-de-educacao-aprova-projeto-que-proibe-celular-em-escolas>. Acesso em: 9 maio 2025.

BALBANI, A. P. S.; KRAWCZYK, A. L. Impacto do uso do telefone celular na saúde de crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 405-410, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/CQxCtrvhkrW6GdqgKPVLZ4v>. Acesso em: 9 maio 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 104, de 2015. Proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis em sala de aula pelos alunos da educação básica.** Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1244001>.

BRASIL. **Lei n. 15.100, de 13 de janeiro de 2025.** Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica.

BRASIL. *Ministério da Educação*. Diretrizes para uso pedagógico da tecnologia nas escolas. Brasília, 2025.

BRASIL. *Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica*. Resolução CNE/CEB nº 2, de 21 de março de 2025. Institui as Diretrizes Operacionais Nacionais sobre o uso de dispositivos digitais em espaços escolares e integração curricular de educação digital e midiática. *Diário Oficial da União*, Seção 1, 24 mar. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/2025/marco/rceb002_25.pdf.

CANUTO, S. M.; CRUVINEL, S. S. Análise dos direitos fundamentais frente à Lei n. 15.100 de 2025: restrição de uso de celulares nas escolas. **Revista de Direito Magis**, Betim, v. 3, n. 2, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14999234>. Disponível em: <https://periodico.agej.com.br/index.php/revistamagis/article/view/59>. Acesso em: 8 maio 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Comissão de Educação aprova projeto que proíbe uso de celular em escolas. Brasília: Câmara dos Deputados, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1106874-comissao-de-educacao-aprova-projeto-que-proibe-uso>. Acesso em: 8 maio 2025.

CARVALHO, C. R. Crianças, tecnologias móveis e a mediação parental. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 62, n. 71, 2024. DOI: 10.21680/1981-1802.2024v62n71ID34147. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/34147>. Acesso em: 2 ago. 2025

CHANG, C.-H. et al. The comparative efficacy of treatments for children and young adults with internet addiction/internet gaming disorder: an updated meta-analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 5, 2022.

CONGRESSO NACIONAL. *Câmara dos Deputados. 57ª Legislatura: 3ª Sessão Legislativa Ordinária*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2025. Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em: 7 maio 2025.

CORRÊA, A. .M. R.; OLIVEIRA, A. B. M. As problemáticas causadas pelo uso inadequado de tecnologias por crianças e adolescentes. *Encontro dos Estudantes de Pedagogia*, Tucuruí. Belém: EXEPEPe, p. 149-162, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/14338>. Acesso em: 4 mar. 2024.

CORRÊA, G. M. et al. Impacto do uso excessivo de telas no desempenho escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 65, 2016.

DEUS, M. D.; ZAPPE, J. G.; VIEIRA, M. L. . Envolvimento, práticas parentais e jornada de trabalho de mães de crianças pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, 2022 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/FQmzNb7D6QdRYSh6QDrvJFD/?format=html&lang=pt>

FREIRE, O. C.; SIQUEIRA, C. A. A influência da tecnologia no desenvolvimento infantil. *Revista Farol*, Rolim de Moura, v. 8, n. 8, p. 38-39, jun. 2019. Disponível em: <https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/152>. Acesso em: 3 mar. 2024.

GODOI, J. Reflexões sobre o relatório global de monitoramento da educação e o uso de celulares nas escolas. *Revista SL Educacional*, v. 6, n. 03, p. 82, 2024.

GOMES, G. M. A. et al. Impacto das tecnologias: o olhar dos pais acerca do viver saudável da criança. *Revista Enfermagem Centro-Oeste Mineiro*, v. 6, n. 1, p. 2077-2083, jan. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/903>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MATOS, C. R. M. V.; MACHADO, M. B.; REIS, M. L. D. Câmara. Efeitos da exposição precoce a dispositivos móveis no comportamento social das crianças. *Revista F&T*, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/efeitos-da-exposicao-precoce-a-dispositivos-moveis-no-comportamento-social-das-criancas/>. Acesso em: 9 maio 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Restrição ao uso do celular nas escolas já valendo*. gov.br, 27 abr. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em: 9 maio 2025.

NEUMANN, D. M. C.; MISSEL, R. J. Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. **Pensando fam**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 75-91, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 ago. 2025.

OLIVEIRA, F. A. de; BARROCO, S. M. S. Revolução tecnológica e smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, v. 28, e51648, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/mp6sqT7Ff7kyCzcrwvQR55m/?lang=pt#>. Acesso em: 16 mar. 2024.

OLIVEIRA, F.; BARROCO, J. **Tecnologia e saúde mental: impactos no desenvolvimento infantojuvenil**. São Paulo: Paulus, 2023.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RABELO, L. M.; ALEXANDRE, K. V.; RODRIGUES, G. M. Nomofobia, uso de telefone e redes sociais prejudica o aprendizado de estudantes universitários? *Revista Liberum Accessum*, v. 3, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <http://revista.liberumaccesum.com.br/index.php/RLA/article/view/33>. Acesso em: 9 maio 2025.

RIBEIRO, G. C. S. et al. Utilização do celular pelos alunos nas escolas e suas consequências para o ensino. *Anais da XIV Semana da Pesquisa Jurídica*, UNIPAM, 2023.

RODRIGUES, F. S.; SEGUNDO, G. L. S.; RIBEIRO, L. M. S. O uso do celular na sala de aula e a legislação vigente no Brasil. In: *CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO*, 3., 2018. p. 111-122. Disponível em: https://ceur-ws.org/Vol-2185/CtrlE_2018_paper_32.pdf. Acesso em: 9 maio 2025.

SANTOS, T. A. S. et al. O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento. *RISTI*, n. 38, p. 38-48, set. 2020. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-989520200003000005&ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 mar. 2024.

SILVA, R.; SILVA, M.; XAVIER, A. *Educação e tecnologia: práticas inovadoras em sala de aula*. Campinas: Papirus, 2025.

SILVA, T. O. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, e34(103), p. 87-97, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009. Acesso em: 5 mar. 2024.

9 ANEXOS

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



Continuação do Parecer: 7.572.304

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO PAULO, 15 de Maio de 2025

Assinado por:
Bettina Gerken Brasil
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Dr. Bacelar, 1212 4º andar
Bairro: Vila Clementino
UF: SP
Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5586-4086
CEP: 04.026-002
E-mail: cep@unip.br

ANEXO 2- CONVITE PARA PARTICIPAR DE PESQUISA

CONVITE PARA PARTICIPAR DE PESQUISA

Prezado (a) Sr. (a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem por objetivo investigar: O impacto do uso de smartphone no desenvolvimento infantil na perspectiva dos pais.

A participação na pesquisa será por meio de uma entrevista presencial com duração de aproximadamente 10 à 60 minutos, em data e horário previamente agendados para que não haja prejuízos para você. O questionário que você responderá abrange temas como: conteúdos consumidos pela criança, tempo médio de utilização, se a criança possuía um smartphone próprio, se existia monitoramento e regras dos pais em relação ao uso, se foi observado algum prejuízo nas atividades diárias da criança, qual o ambiente que a criança utiliza o smartphone, se houve alguma contribuição negativa ou positiva pelo uso do aparelho.

Antes da realização da entrevista, será lido e fornecido duas cópias para sua assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que você possa conhecer melhor os objetivos da pesquisa, possíveis riscos e benefícios, bem como todas as ressalvas éticas adotadas pelos pesquisadores para preservar o sigilo dos dados a serem fornecidos por você. Se após a leitura do termo você decidir participar da pesquisa, mediante a assinatura dele, prosseguiremos com a coleta de dados.

Desde já agradecemos a sua atenção e colaboração.

Atenciosamente,
Equipe de pesquisa.

ANEXO 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- 1-) A criança possui smartphone próprio ou utiliza o aparelho de algum integrante da família? Desde que idade manuseia o aparelho?
- 2-) Quanto tempo em média seu/sua filho(a) utiliza o smartphone? Em que momento do dia?
- 3-) Qual o conteúdo que seu filho acessa no smartphone? Você faz algum controle do conteúdo? Existe alguma regra para utilização do smartphone?
- 4-) Você percebe mudanças no seu filho com o uso de smartphone? Quais mudanças?
- 5-) Existe influência na qualidade do sono pela utilização do smartphone?
- 6-) A criança consegue cumprir suas atividades diárias sem nenhum prejuízo?
- 7-) O uso do smartphone já afetou o desempenho escolar?
- 8-) Como você avalia o impacto do uso do celular na vida de seu filho? O impacto de forma Emocional? Social? Desenvolvimento cognitivo?
- 9-) Em sua percepção existem riscos e benefícios? Quais são eles e por quê?
- 10-) Em relação aos riscos, como você acha que pode minimizá-los?
- 11-) Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil? De exemplos.
- 12-) Na sua opinião qual seria a forma de uso mais adequado do smartphone?

ANEXO 5- TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista 01

Identificação: P1

Profissão/Escolaridade: Supervisora de vendas/Ensino médio completo.

Entrevista realizada dia 12 de julho (12/07/2025) primeiro e único encontro com duração de 60m.

Pesquisadoras: Giuliana Freitas (G) e Victoria Tobias (V).

(G): Podemos começar?

(V): Vamos lá.

(G): Pergunta número 1. A criança possui smartphone próprio ou utiliza o aparelho de alguém, algum integrante da família? E desde que idade?

(P1): Ela possui o celular dela desde os 6 anos de idade.

(G): Certo.

(G): Quanto tempo, em média, sua filha utiliza o smartphone? Em que momento do dia?

(P1): Hoje, enquanto ela fica com a babá de manhã, ela tem um tempo médio de uma hora, que a babá estabeleceu, junto com as outras crianças que também ficam. E a noite ela vai ficar em média, quando nós não temos compromisso, em torno de duas horas e meia a 3 horas.

(G): Certo!

(G): Pergunta número 3. Qual o conteúdo que seu filho acessa no smartphone? E você faz algum controle de conteúdo? Existe alguma regra para a utilização do smartphone?

(P1): No caso, o conteúdo que ela atua bastante são jogos né, comunicação com as amigas que ela tem via WhatsApp e às vezes ela procura vídeos de entretenimento. Mas aí eu acompanho, a maioria das vezes eu acompanho e analiso.

(G): Certo, alguma regra?

(P1): Regra?

(G): Para a utilização do smartphone?

(P1): No caso, quando ela obedece, quando ela mantém o comportamento certinho, se não vê nenhuma sinalização da escola, da babá, ou até mesmo referente ao comportamento com a gente, nós liberamos né, a maioria das vezes.

(G): Você percebe mudanças no seu filho com o uso de smartphone?

(P1): Eu percebo.

(G): Quais mudanças?

(P1): Na realidade, recentemente, ontem eu conversei com o meu esposo sobre a idade dela e ela tem um conhecimento amplo de outras etapas, vamos dizer assim né. São condições que ela tem adquirido, até eu falei que é uma falha nossa, em algum momento a gente falhou, porque atitudes como interromper coisas que a gente nunca ensinou, interromper conversa de adulto, ou ser insistente em algo quando a gente já falou não né, ela passou de uns dois meses para cá a gente começar a corrigir. Eu acredito que seja, ou a tratativa que ela tem com outras crianças, mas principalmente eu acredito que seja algo no smartphone que a gente falhou, não consigo identificar esse fato.

(G): Certo.

(G): Pergunta número 5. Existe influência na qualidade do sono pela utilização do smartphone?

(P1): Na qualidade do sono, até agora eu não identifiquei né, até porque no final de semana é quando ela ficou com um período até no sábado, sexta, no sábado que eu permito que ela fique até um pouquinho mais tarde.

(P1): Mas no sono até agora não, vejo que ela acorda bem cansada, mas sempre foi, ela teve sempre essa preguiça de acordar né. Mas no período da tarde, igual ela dormia, no final de semana que ela “poderia podia” no caso sem ter estudo, hoje ela já não dorme mais, durante o dia ela não dorme. A noite eu não vejo, não vi impacto dos maiores não.

(G): Certo.

(G): Pergunta número 6. A criança consegue cumprir suas atividades diárias sem nenhum prejuízo?

(P1): Não, eu vejo que ela fica muito dependente, às vezes do celular, porque ela gosta muito de ouvir luvor, sabe, no celular, para tomar banho, às vezes ela quer colocar o celular para poder tocar música. Então, até quando nós colocamos alguma, igual ela tem uma obrigação, uma obrigação entre aspas, a tarefa que ela faz é guardar a roupa que eu já recolhi. Então, assim, às vezes eu peço, oriento, peço para ela fazer coisas básicas e aí ter o uso do smartphone, às vezes, principalmente no final de semana, acaba impactando, ela desfoca, vamos dizer assim.

(G): Certo.

(G): Pergunta número 7. O uso do smartphone já afetou o desempenho escolar?

(P1): O escolar até agora, até agora não. Não teve, tanto em questão de nota, de comportamento, não houve nenhuma sinalização, muito pelo contrário, a professora sempre a elogia ela.

(G): Certo.

(P1): Na escola dela, na realidade, já não podia “enviar” ir com o celular, então acho que isso não impactou tanto, porque a própria escola, por ser uma escola da prefeitura, né, eles já bloqueavam esse uso do celular, pelo menos na faixa etária dela, não sei se em outras faixas etárias eles liberavam, mas a dela não.

(G): Certo!

(G): Pergunta número 8. Como você avalia o impacto do uso do celular na vida do seu filho? O impacto de forma emocional, social e desenvolvimento cognitivo?

(P1): No começo, nós realmente demos pra ela de presente, na época da pandemia, por conta de estar sozinha, ficava ela e minha outra filha, que é mais velha, então assim, pra elas terem um contato com os amiguinhos e tudo mais. Nós colocamos que ela fosse um benefício, porém, com o tempo, às vezes, nós vimos que ela tinha uma dependência um pouquinho maior, né, de estar com o celular, às vezes não estar nem fazendo nada, mas o celular precisava estar com ela.

(P1): Então, foi onde a gente começou a conversar. Hoje, até conforme eu sinalizei que o esposo estava analisando o comportamento dela, nós conversamos com ela ainda, falando assim, ó, isso é algo que nós nunca ensinamos pra você. Será que nós estamos deixando de passar alguma coisa que você está assistindo, né, ou o comportamento? E assim, ela fala que não.

(P1): E por mais que a gente tenha, a gente analisa, tudo não é o tempo todo que nós estamos com ela, né. Até falei com o meu esposo pra gente restringir, colocar aqueles aplicativos de acompanhamento, de bloqueio e tudo mais que isso nós não temos ainda. Mas eu vi que amadureceu ela em pontos que não era pra amadurecer e ela se tornou um pouquinho dependente em todas as tarefas, até mesmo, ah, eu quero brincar com o meu amigo. A dependência é brincar no celular, não descer lá no condomínio pra poder brincar com outras crianças.

(G): Certo.

(G): Pergunta número 9. Em sua percepção, existem riscos e benefícios? E quais são eles e por quê?

(P1): Ah, riscos tem, né, até porque, infelizmente, hoje a internet ela tá ligada pra tudo, né, não tem um bloqueio geral, referente a conteúdos que não são próprios pra idade dela. E até mesmo, esses canais de YouTube e tudo mais, que a gente acha que às vezes é saudável, e pela correria do dia a dia que nós pais temos, a gente não consegue ver todo o conteúdo, né.

(P1): E às vezes a gente acha, num descuido, ou até mesmo numa falta de atenção nossa, que tá assistindo algo que vai agregar pro bem e acaba trazendo essa maturidade precoce pra ela, acaba querendo ou não trazendo comportamentos que acabam impactando até na forma da nossa educação. Então, assim, eu vejo como benefício que ela consegue ter um contato, por ela não ter uma outra criança na faixa etária, próxima de casa, ela consegue ter um contato com o que tá mais distante, né.

(P1): Ela consegue conversar com os amigos e tudo mais, com a família, mas o grande, assim, prejudicial nesse entorno, o grande perigo é referente à abrangência que a internet hoje dá, né, porque não é somente o uso de alguns.

(G): Certo!

(G): Pergunta número 11. Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil? Dê um exemplo.

(P1): Não entendi, pode perguntar de novo?

(G): Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil? Dê um exemplo.

(P1): Desenvolvimento infantil? Ah, eu acredito que um pouquinho de autonomia, vamos dizer assim. Às vezes os pais nem sempre estão prontos ou disponíveis para tirar uma dúvida em

questão de um fator, seja escolar, seja... Eu sempre ensino a minha filha, ó, às vezes que você não sabe uma palavra, às vezes ela pergunta pra mim, procura no Google pra ver se você consegue ter a tradução.

(P1): Se você não entendeu o que o Google falou, você pergunta para mamãe, mas eu acredito que seja mais nessa área de ter autonomia pra poder descobrir o que ainda não se sabe. Essa seria a... na parte educacional, claro.

(G): Pergunta número 12. Na sua opinião, qual seria a forma de uso mais adequado para o smartphone?

(P1): Eu acredito que seria com controle total entre os pais, né. Infelizmente falou que eu peço nisso, eu falo para o meu esposo que nós falhamos nisso, que às vezes querendo tirar um pouquinho da carência dela de estar sozinha, ou às vezes na vida corrida que nós temos, seja profissional, pessoal, a gente acaba oferecendo o smartphone como uma opção, né. E a gente acaba falhando, a gente acaba pecando nisso, porque depois nós queremos ou querendo ou não, a gente come frutos, né, da parte ruim dessa tecnologia.

(G): Verdade, A.G.F brigada. Estamos encerrando a entrevista.

(P1): Certinho.

Entrevista 02

Identificação: P2

Profissão/Escolaridade: Vendedora Jr. /Ensino médio completo

Entrevista realizada dia 13 de julho (13/07/2025) primeiro e único encontro com duração de 60m.

Pesquisadoras: Giuliana Freitas (G) e Victoria Tobias (V).

(G): Nossa, faz você, Vic?

(V): Quer que eu faça?

(G): Não estou enxergando nada.

(V): Não, está enxergando?

(G): Não.

(V): O meu Deus!

(G): Estamos atrasadas já.

(V): A falta do óculos, Correria.

(V): Vamos lá, eu vou ser bem rapidinha para não extrapolar seu horário, tá? São só 12 perguntas. É... Tá gravando Giu? Tá gravando.

(G): Ta!

(V):A criança possui smartphone próprio ou utiliza de algum integrante da família? Desde que idade manuseia o aparelho?

(F2): Ele não tem smartphone próprio. Ele usa os nossos, meu, do pai e o da irmã. E ele usa por um período de mais ou menos umas duas horas, até um pouquinho mais.

(V):Legal.

(V):E desde que idade que ele tem acesso ao smartphone?

(P2):Desde os dois anos.

(V):Desde os dois anos? Legal.

(V):Bom, aqui a próxima pergunta seria quanto tempo em média, né, utiliza o smartphone e em que momento do dia? Você falou mais ou menos duas horas, né?

(P2): Mais ou menos duas horas. Na verdade, após a escola, né, que é o tempo que ele fica mais com a filha à tarde. Então, é esse o horário que ele usa o celular dele. E essas duas horas, ele fala que é corrida, assim.

(V):Diretão.

(P2): Aí, deu duas horas, eu já peço pra tirar lá mesmo. E ele fica até bravo, né, porque ele fala que ela não deixou ficar mais, ela não deixou ficar mais. Mas se deixar fica.

(V):Se deixar mais. Mas fica o dia todo, né?

(P2):Fica o dia todo.

(V):Legal.

(V):Qual o conteúdo que o seu filho acessa no smartphone? Você faz algum controle desse conteúdo? Existe alguma regra para utilizar o smartphone?

(P2): Não faço um controle, não. Mas a gente tá sempre do lado, assim, olhando pra ver o que ele vê. Ele gosta bastante de shorts. Então, ele vê bastante coisa de futebol, porque ele gosta muito disso, né. Ele olha bastante. Cristiano Ronaldo e assim por diante. Então, ele quer copiar muito essas coisas.

(P2): Então, ele vê muito isso. Então, ele entende bastante. E, às vezes, no YouTube, então, a gente fica olhando pra ver o que ele quer ver. Pra poder saber o que você quer ver, o que você quer ver. Daí, ele mesmo fala lá, né. Coloca, você deve colocar, né. Cristiano Ronaldo, os gols. Ronaldinho, o que aconteceu? Então, não aparece só isso, né. Começa a ver aquele ‘‘chuá de coisa’’. A gente nunca tá sempre olhando mesmo, pra ver o que tem.

(V):E ele tem acesso a jogos também, ou só vê o YouTube?

(P2):Tem uns joguinhos que fica no celular da irmã, que ele joga de vez em quando. Aí, tem alguns joguinhos que a gente faz ele jogar mesmo.

(P2):Então, A. agora você vai precisar do piano. Que é por causa da coordenação motora, que ele não gosta. Então, tem algumas coisas que a gente vê que ele não gosta.

(P2):Então, a gente força ele a fazer. Porque aquele, né. Se ele não gosta, é porque realmente tá tomando tempo.

(P2): Tá sendo mais difícil, né. Tem coisa mais fácil. Então, a gente acaba direcionando essas coisas aí.

(P2): Ai ele faz um pouquinho depois, não quero mais. Aí, eu falo, então, agora você pode assistir. Daí, ele fala, eu quero falar.

(P2): Então, você não vai. Então, a gente começa a trocar algumas coisas com ele. Porque é difícil.

(V): Legal, uma boa estratégia.

(P2): A gente sabe.

(V): Você percebe mudanças no seu filho com o uso do smartphone? Quais mudanças?

(P2): Muitas. Muitas mudanças. É verdade. E uma delas é, assim, ele tem uma visão muito pra frente, assim.

(P2): Ele fala umas coisas que a gente não sabe nem a seriedade. Como é que pode ser? Ah, eu ouvi lá no celular. Algumas cidades.

(P2): Algumas coisas. Como ele sabe, né. Ele estava me falando uns negócios da Disney. Mãe, você sabia que na Disney tem isso? Tem o castelo, tem isso? ‘Tem não sei o que lá ‘Aí, ele falou assim, não, porque eu vi. Até por aí falou. Nossa, tipo, algumas informações que a gente não num Então.

(V): Legal.

(P2): Mais para frente que a gente até.

(V): Pressão, né.

(V): Existe influência na qualidade do sono pela utilização do smartphone?

(P2): Ah, eu acho que sim. Porque ele não dorme. Ele não gosta de dormir. Ele dorme muito pouco. Então, eu imagino que a maioria das crianças que a gente olha, né, daí se pergunta e, assim, não quer dormir, aí a gente dá o celular. Não é o caso do A.

(P2): A gente não dá o celular. Então, a gente dá o celular. O trabalho mesmo pra fazer ele dormir. Porque ele não dorme, não dorme, não dorme. Mas, se a TV estiver ligada, ele fica lá olhando pra TV, tipo, pra querer não dormir. Então, eu acho que a tela implica bastante.

(V): Ah, legal.

(V): A criança consegue cumprir suas atividades diárias sem nenhum prejuízo?

(P2): Eu não sabia dizer pra você como prejuízo, mas, assim, que ele faça de livre espontânea vontade, não. Tem que estar sempre lembrando.

(P2): Ah, você fez. O que precisava ser feito que você não fez? Eu uso mais essa frase. O que precisava ser feito que você não fez? Vamos supor ele tem que tirar o cocó do cachorro, colocar água pro cachorro.

(P2): Então, eu passo ali perto da vasilha e falo A., o que deveria ser feito com a vasilha do cachorro pra fazer ele pensar? Eu não fiz. Então, a eu falo A., o que deveria ser feito lá fora que

você não fez? Então, tem algumas coisas que ele não faz, assim, livre espontânea vontade. Então, eu vou dando esses lembretinhos né.

(V): Entendi.

(V): O uso do smartphone já afetou ou afeta o desempenho escolar?

(P2): Eu não sei dizer, assim, com clareza, porque pelo que eu vejo, ele tem aprendido muito bem. Então, eu não saberei dizer, assim, pra você a forma. Mas, assim, com o celular eu coloco muita coisa que, vamos supor, som, né, pra ele aprender agora. Então, eu pego algumas letreirinhas que tem uns canalzinhos lá e coloco. Então, assim, eu acho que nessa parte até ajuda, né, algumas coisas, assim, porque som não é mais fácil pra ele poder entender.

(P2): Som de A, vamos falar, né, vai. Ah! Aí fala, copia, filho, faz assim. Então, neste aspecto foi bom, outros não saberia te dizer.

(V): Legal. É...

(V): Como você avalia o impacto do uso do celular na vida do seu filho? O impacto emocional, social, com o desenvolvimento cognitivo?

(P2): Bom, eu acho que o emocional é bem complicado, porque se você tira na hora que ele tá super gostando, ele fica nervoso, muito agitado, muito bravo e até conseguir calmar é difícil. E eu acho que até no social mesmo, porque daí ele vê o amiguinho com o celular, vamos supor, a gente tá numa reunião, ou seja, na igreja, e não é o lugar do celular.

(P2): Aí você fala, mas o amiguinho tá com o celular, por que que eu não posso? Aí começa aquele ambiente frustrante, né, porque ali não é o lugar, aí você vê o outro que tá, aí você vai chamar a atenção dele, aí fica bem complicado. Eu acho que é muito dificultoso essa parte, assim, e às vezes a mãe dá pra criança ficar um pouco mais quieta, mas aí tira o foco do que realmente é pra ser.

(V):Entendi, e nessas horas aí, você cede ou não?

(P2): Eu não cedo, porque eu falo pra ele assim, que aquele momento nós estamos ali pra fazer aquilo que a gente precisa fazer.

(P2): Eu sou mais dura em muitas coisas, assim, então ele até fala, minha mãe é muito brava, eu não cedo fácil algumas coisas para os meus filhos, então eu sei sou um pouco durinha.

(V):Muito bem, né?

(V):Em sua percepção, existem riscos e benefícios? Quais são eles? E por quê?

(P2): Eu acho que o risco é muito a visão, que força bastante, né, eles querem sempre estar na tela ,e algumas das coisas é, e o medo também, porque eu falei, estão muito cedo, né, com o celular, e a gente não sabe quem tá do outro lado, né, talvez a visão que a gente tá passando hoje, já é um joguinho, é uma brincadeira, as pessoas são boas pelo que eles estão vendo, só que lá na frente a gente não sabe quem mais tá do outro lado, e acho que na mente deles, assim, ah, quem tá lá é o mesmo pessoal que eu vi, né, aquele bonzinho, sei lá, o Lucas Neto, que às vezes gosta de ver essas coisas, entendeu? E quem tá lá do outro lado, a gente não sabe qual é a intenção, e a gente é muitas coisas com o celular.

(P2): Agora os benefícios, eu faço assim, se ser usado, né, com popularidade, que pra eles é mais difícil, então acho que tem benefícios, um pouco, de aprender, de fazer umas coisas, eu tenho uma menina que tem 14 anos, ela consegue fazer cursos por ali, sabe, ela consegue, ela fez até um slides lindo no trabalho da escola, nossa, ficou maravilhoso, e ela foi até a única que fez, então assim, ela fez em casa mesmo, usando o celular, ela e o A. e foi fazendo e conseguiu realizar, então acho que tem os benefícios, a gente tem que saber usar e tentar passar pra eles de forma clara, é isso.

(P2):É difícil? É. Mas a gente consegue se a gente se impor, né.

(V):Legal.

(V):Em relação aos riscos, como você acha que pode minimizá-los?

(P2): Olha, eu faço assim, eu tento, né? Então, a primeira coisa que eu falo pra ele é: tudo que você vê aí, eu consigo ver depois. Então, se você não for claro comigo, se você não me falar a verdade, você não vai olhar mais, porque tem coisa que não é pra você.

(P2): E eu fiz uma coisa com eles também. Eu peguei uma fruta bem verde na época eu peguei uma goiaba bem verde depois eu peguei uma goiaba bem madura. Aí eu fiz eles morderem as duas e falei pra eles: qual que é mais fácil? A verde ou a madura? Eu falei: então, tem coisas que vocês ainda estão verde, né? Eles falaram: é, o verde é mais difícil. Porque tem coisas que vocês estão verde, que a goiaba já tá madurecendo, mas pra frente vai tá maduro.

(P2): Então eu tenho que fazer assim com eles. Pra poder dar certo. E eu olho mesmo. Eu falo: olha, A., você não falou para mãe que viu isso daqui? Você viu. Não era pra ver, não. Não passou o correninho, porque ele aparece uns minutinhos, né? Eu falo: então, nem passar o correninho, não é pra ver, não é pra olhar. Eu tento acompanhar.

(P2): Às vezes eu olho umas coisas e deixo passar, porque eu falo: eu vou passar pela mãe chata o tempo todo. Mas algumas coisas que eu acho que são bem preocupantes, daí eu não deixo passar. E se eu falo assim que eu vou deixar de castigo, eu deixo mesmo, de verdade. Então eles já sabem.

(P2): Então eles... não digo assim que eles não mentem, porque eles vão mentir, né? Mas assim, eu falo que eles procuram ser o mais verdadeiro possível, porque eles já sabem.

(V):Sabe, tem a consequência, né?

(P2):Tem a consequência depois.

(V): Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil? Tem um exemplo.

(P2): É, eu vou dizer assim: eu acho que, é... talvez na parte de falar, talvez na parte da escrita, eu acho que ajuda um pouco, sabe? Porque, vamos supor, você pega... vamos colocar a Galinha Pintadinha, né? Que às vezes nem pode, mas às vezes você pega... ela ensina bastante o alfabeto, entendeu? Ela ensina bastante as cores. Então, eu acho que nessa parte, assim, traz benefício pra criança, né?

(P2):Eu acho que, assim, a gente... nós que temos que controlar um pouco, porque não tem que ser tão cedo, né, o que a gente tem que mostrar pra criança tão cedo. Porque às vezes você vê a mãe colocando a criança de um encontro mesmo na frente da tela, e eles não têm a visão, mas

eles têm a percepção daquilo, e eles param e ficam ali. Então, eu acho que a gente tem que retardar um pouquinho mais esse contato. Mas eu acho que os benefícios deles são bons.

(V): Legal.

(V): Na sua opinião, qual seria a forma de uso mais adequada do smartphone?

(P2): Eu acho que é controlar com o horário mesmo, eu acho que essa geração não vai ficar sem eles têm que aprender a usar, e eu acho que a consciência é nossa em colocar limite por enquanto, porque quando a gente busca colocar limite é bom, que o limite faz você aprender, e eu acho que é assim, vamos colocar um limite pra depois conseguir colher os frutos do limite que a gente colocou.

(V): Legal, muito bem, é isso, nossa entrevista foi bem rapidinha, nem doeu, né? Quer conversar um pouco sobre o tema que a gente falou aqui?

(P2): Eu coloquei para despertar, para não atrasar...

(V): Olha a gente foi pontual.

(G): Obrigada viu.

(P2): Mas eu gostei, foi muito bom, e faz a gente até pensar, né, o que eu tô fazendo?

(V): Se quiser conversar mais, a gente tá à disposição, a gente pode marcar um outro dia, né? Pra não te atrapalhar o seu horário, a gente tá à disposição.

(P2): Obrigada, meninas, beijos...Depois eu quero saber a nota do TCC de vocês.

Entrevista 03

Identificação: P3

Profissão/Escolaridade: Cabelereira. /Ensino médio incompleto

Entrevista realizada dia 15 de Julho (15/07/2025) primeiro e único encontro.

Pesquisadora: Giuliana Freitas (G)

(G): Roteiro de entrevista, Primeiro, a criança possui smartphone próprio ou utiliza o aparelho de algum integrante da família?

(P3): Ela possui o próprio.

(G): E desde que idade manuseia o aparelho?

(P3): Há uns dois anos, então quando ela tinha oito, desde que tinha oito.

(G): Quanto tempo, em média, seu filho utiliza o smartphone? E em que momento do dia?

(P3): Mais à tarde, após fazer as tarefas de escola.

(G): Certo. Qual o conteúdo e quanto tempo ela fica?

(P3): Um, dois, três, quatro horas.

(G): Você percebe mudanças no seu filho com o uso de smartphone? E quais mudanças?

(P3): Às vezes a atenção, né, nas conversas, às vezes eu tento sempre ir corrigindo.

(G): Existe influência na qualidade do sono pela utilização do smartphone?

(P3): Não, porque ela tem o tempo certo.

(G): A criança consegue cumprir sua atividade diária sem nenhum prejuízo?

(P3): Sim.

(G): O uso do smartphone já afetou o desempenho na escola?

(P3): Não.

(G): Como você avalia o impacto do uso do celular na vida do seu filho?

(P3): Eu controlo, né, por um aplicativo, então acredito que não tenha afetado tanto no desenvolvimento dela.

(G): Impacto de forma emocional também não?

(P3): Não, porque eu acompanho bem o que ela vê, sabe?

(G): Social?

(F3): Também não.

(G): Desenvolvimento cognitivo seria, o raciocínio?

(P3): Também não, porque ela bem atenta.

(G): Em sua percepção, existem riscos e benefícios? Quais são eles e por quê?

(P3): Existe risco, né, porque hoje em dia tem bastante coisa que influencia, né, a criança, então acredito que tem risco sim. E tem o benefício do conhecimento, né, que ela pode usar isso também pra pesquisa de escola, então tem risco e benefícios, né?

(G): Em relação aos riscos, como você acha que pode minimizá-los?

(P3): O acompanhamento, né, que eu instalei um aplicativo pra controlar o que ela vê, o que ela não vê, acredito que acompanhando.

(G): Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil? Dê um exemplo.

(P3): Acredito que, que nem eu disse, no trabalho de escola, usar, né, as ferramentas certas pra pesquisar a aula da escola, seria bem interessante, assim, isso ajuda bastante.

(G): Na sua opinião, qual seria a forma do uso mais adequado do smartphone?

(P3): Seria mais, assim, pra, né, pesquisa escolar, às vezes conversar com um amigo ou outro, assim, da mesma idade, né, seria mais assim.

(G): Certo.

(G): Qual o conteúdo que seu filho acessa no smartphone?

(P3): Ela tem Instagram, recentemente eu deixei, mas é controlado, é uma conta privada, e o Google Connect é fazer trabalho de escola.

(G): Amanda, muito obrigada.

(G): Você gostaria de conversar mais um pouquinho? Ficou tudo bem a pesquisa? Te causou algum desconforto, algum estresse?

(P3): Não me causou nenhum desconforto, não. Tranquilo.

(G): Beleza. Muito obrigada, Amanda.

(P3): Imagina.

Entrevista 04

Identificação: P4

Profissão/Escolaridade: Assistente administrativo Jr. /Ensino médio completo

Entrevista realizada dia 15 de Julho (15/07/2025) primeiro e único encontro com duração de 60m.

Pesquisadora: Giuliana Freitas (G)

(G): Vamos às questões agora. As crianças... A criança possui smartphone próprio ou utiliza o aparelho de algum integrante da família? E desde que idade manuseia o aparelho?

(P4): Ela não possui aparelho próprio e utiliza do meu e do pai dela, né? Da mãe e do pai dela. Desde os três anos.

(G): Quanto tempo, em média, seu filho utiliza o smartphone e em que momento do dia? Pergunta número dois.

(P4): É Geralmente, por volta de uma hora, uma hora e meia durante o dia e no período da noite.

(G): Pergunta número três; qual o conteúdo que seu filho acessa no smartphone? Você faz algum controle do conteúdo? Existe alguma regra para a utilização do smartphone?

(P4): Sim, existe um controle. Ela não entra em redes sociais, somente em um perfil do YouTube que a gente apropriou para ela no qual passa somente conteúdo infantil.

(G): Pergunta número quatro. Você percebe mudanças no seu filho com o uso do smartphone? E quais são essas mudanças?

(P4): Sim, percebo. Às vezes ela fica mais ansiosa, digamos, teimosa também em relação ao comportamento conosco, mas a gente procura contornar a situação, colocando limite.

(G): Pergunta número cinco. Existe influência na qualidade do seu sono pela utilização do smartphone?

(P4): Olha, acredito que possa ter, sim, interferência, mas no nosso caso tem um bom controle em casa, então tem até mesmo horário de descanso para ela, no qual a gente limita bastante para ser um uso saudável.

(G): Pergunta número seis. A criança consegue cumprir suas atividades diárias sem nenhum prejuízo?

(P4): Sim, consegue.

(G): Pergunta número sete. O uso do smartphone já afetou o desempenho escolar?

(P4): Até o momento não que eu tenha percebido. Ela realmente tem um bom desenvolvimento escolar.

(G): Pergunta número oito. Como você avalia o impacto do uso do celular na vida do seu filho? O impacto de forma emocional, social e desenvolvimento cognitivo, que é o raciocínio?

(P4): Bom, entre essas questões, eu acho que mais o social, né, que muitas das vezes ela prefere estar ali mais interativa com o celular, com algum conteúdo que esteja passando, do que socializar.

(G): Pergunta número nove. Em sua percepção, existem riscos e benefícios? Quais são eles e por quê?

(P4): Sim, existem riscos, né, e principalmente em relação à maldade que tem por trás aí da rede social, apesar da gente ficar sempre atento. E os benefícios são muitos conhecimentos pedagógicos também, que a gente vê em muitos conteúdos aí e até alguns é selecionados para ela estar acompanhando mesmo, porque a gente sabe que tem certos desenvolvimentos.

(G): Pergunta número dez. Em relação aos riscos, como você acha que pode minimizá-los?

(P4): Bom, evitando mesmo esse tempo alto nesse tipo de redes NE, sociais e acompanhar mesmo, estar policiando o pai e a mãe. No caso dela, ela tem sim só o perfil no YouTube, então a gente sabe que ali está bem filtrado.

(G): Pergunta número onze. Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil? Dê exemplos.

(P4): O desenvolvimento seria mais o lúdico mesmo, né, no qual está ali mostrando, ela está tendo esse tipo de percepção visual, auditiva também e o conhecimento de aprendizagem mesmo, que talvez a gente, pai e mãe, não conseguem desempenhar.

(G): Pergunta número doze. Na sua opinião, qual seria a forma de uso mais adequado do smartphone?

(P4): Bom, acho que até para nós adultos um limite, né, mas para as crianças esse acompanhamento mais firme dos pais, a gente vive numa geração que é inevitável, né, é a fase deles esse conhecimento avançado nessa tecnologia, então é algo realmente inevitável, mas esse acompanhamento mais rígido mesmo, muita conversa também para eles entenderem o nosso lado.

(G): Bom, o questionário está encerrado. Você se sente constrangida, precisa de conversa, de alguma ajuda?

(P4): Não, foi tranquilo para mim.

(G): Muito obrigada. Gostaríamos de agradecer a disponibilidade.

Entrevista 05

Identificação: P5

Profissão/Escolaridade: Televendas /Superior completo / administração.

Entrevista realizada dia 15 de julho (15/07/2025) primeiro e único encontro com duração de 60m.

Pesquisadora: Giuliana Freitas (G).

(G): Roteiro de entrevista, Pergunta número 1. A criança possui smartphone próprio ou utiliza o aparelho de algum integrante da família? Desde que idade manuseia o aparelho?

(P5): Ele tem o próprio, com minha supervisão, desde os sete.

(G): Pergunta número 2. Quanto tempo, em média, seu filho utiliza o smartphone? E em que momento do dia?

(P5): Depois que ele volta da escola, uma hora, uma hora e meia, mais ou menos.

(G): Certo.

(G): Pergunta número 3. Qual o conteúdo que seu filho acessa no smartphone? Você faz algum controle de conteúdo? Existe alguma regra para a utilização do smartphone?

(P5): Ele utiliza YouTube, né, e eu sempre tô junto, porque eu sempre tô do lado dele a hora que ele tá. É aberto, né, então eu deixo na viva a voz, então eu sempre tô monitorando.

(G): Certo.

(G): Pergunta número 4. Você percebe mudanças no seu filho com o uso de smartphone? E quais mudanças?

(P5): Tem mudança, sim, percebo muita mudança. Dependendo do vídeo que ele assiste, altera muito o humor dele. E depende de coisas que eu acho que abre muito a mente dele. Então, ele é um pouquinho mais, às vezes, até avançado pra idade dele. Então, altera, sim.

(G): Pergunta número 5. Existe influência na qualidade do sono pela utilização do smartphone?

(P5): Não percebi ainda essa influência. Eu não parei pra ver se é do celular ou se é do dia a dia dele, a alteração. Mas ainda não percebi.

(G): Mas a alteração seria no sentido do sono?

(P5): É, Um sono mais agitado, porque ele se mexe demais na cama. Ele é igual coxinha, fritando no óleo. (Risos)

(G): Pergunta número 6. A criança consegue cumprir suas atividades diárias sem nenhum prejuízo?

(P5): Sim, consegue.

(G): Pergunta número 7. O uso do smartphone já afetou o desempenho escolar?

(P5): Não, porque eu limito bem o uso do celular dele. Ele é uma criança mais ativa, de brincar.

(G): Pergunta número 8. Como você avalia o impacto do uso do celular na vida do seu filho? O impacto de forma emocional, social e o desenvolvimento cognitivo, que é o raciocínio.

(P5): Eu avalio um ponto positivo, porque são diversos os assuntos que ele procura lá. Então eu vejo que ele evolui bastante no sentido de, talvez seja até podendo um pouco da infância. Mas, porém, ele é uma criança muito ativa, brincadeira infantil mesmo, antiga. Mas o celular em si dá condições pra ele entrar nesse mundo que hoje é o que é. Então ele precisa estar antenado com o que está acontecendo. E altera as vezes o humor, as vezes ele está mais alegre. As vezes ele compartilha muito os vídeos comigo, com o pai dele e com a família.

(P5): Então eu acho importante isso, essa dinâmica pra ele. Porém tem vídeos que não é bacana, então a gente tem que ficar monitorando. Aí eu vejo que as vezes ele fica mais agressivo, então a gente já chama pra conversar o que aconteceu, porque faz muito comparativo. Então um lado é positivo, outro lado não.

(G): É, Pergunta número 9. Em sua percepção existem riscos e benefícios? E quais são eles e porquê? Você praticamente respondeu.

(P5): É, Os riscos acredito que alteram muito a cognição, o sentimento, a emoção da criança.

(P5): Esse é um risco grande, as vezes deixa em um estado depressivo, agitado, irritado. Mas também o positivo é que eles estão inseridos nesse meio e eles tem que viver isso, senão ele vai ficar pra trás. Então ele pega até conteúdo de escola pra estudar. Então ele gosta de coisas de memória, então ele busca bastante, parte de inglês, ele busca bastante. Acho positivo.

(G): É, Pergunta número 10. Em relação aos riscos, como você acha que pode minimizá-los?

(P5): É, Monitorando. Ficar o tempo todo ali vendo o que tá fazendo, Se é benéfico ou não, eu estou monitorando.

(G): Pergunta número 11. Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil? De exemplos.

(P5): Exemplos que ele pode estudar uma língua de inglês, por exemplo. Ele aprendeu a escrever números japoneses através da internet e falar também japonês. Porque é a cultura dele, ele ama japonês. Ele é descendente, Então algumas palavras ele já fala com a avó dele, ensina. Mas os números em japonês ele aprendeu pela internet. Então eu acho muito benéfico. Eu acho bacana.

(G): Pergunta número 12. Na sua opinião, qual seria a forma de uso mais adequado do smartphone?

(P5): Pra criança seria com o monitoramento. A gente tem que estar perto, bloquear pra idade própria. Então o mais adequado é isso. Ele não leva na escola também. Fica em casa só no momento que ele não tem o que fazer. Porque ele é bem ativo mesmo. (risos)

(G): Está encerrado então o roteiro de entrevista. Te agradeço e vou fornecer uma cópia do termo de consentimento e livro de esclarecimento pra você. Obrigada.

(P5): Obrigada.

Identificação: P6

Profissão/Escolaridade: Auxiliar de limpeza/Ensino fundamental incompleto.

Entrevista realizada dia 21 de julho (21/07/2025) primeiro e único encontro com duração de 60m.

Pesquisadora: Giuliana Freitas (G)

(G): Bom dia. Roteiro de entrevistas. A criança possui smartphone próprio ou utiliza o aparelho de alguém, de algum integrante da família? Se sim, desde que idade manuseia o aparelho?

(P6): Sim, desde os acho que nove anos que ele tem o celular.

(G): Pergunta número dois. Quanto tempo em média seu filho utiliza o celular? Em que momento do dia?

(P6): Bom, esse momento não sei responder totalmente, porque eu fico o dia inteiro fora, só chego seis e meia, sete, quase oito horas da noite. E o único, assim, que eu posso dizer que ele não usa é no horário das aulas, que ele entra uma e sai seis e meia, seis e quarenta, esse horário.

(G): Pergunta número três. Qual o conteúdo que seu filho acessa no smartphone? Você faz algum controle do conteúdo? E existe alguma regra para a utilização do smartphone?

(P6): Não, não existe. Ele joga, fica no joguinho dele, fala com os amigos dele, mas eu não vejo o celular dele.

(G): Pergunta número quatro. Você percebe mudanças no seu filho com o uso de smartphone? Quais mudanças?

(P6): Sim, que quando ele começa a jogar ele fica muito nervoso. Aí eu falo para ele, vai ficar nervoso, vai ficar irritadinho, pode parar de jogar, não vai jogar mais, por causa que você joga e fica muito ansioso.

(G): Pergunta número cinco. Existe influência na qualidade do sono pela utilização do smartphone?

(P6): Então, eu não sei, porque ele não dorme à tarde, ele acorda geralmente umas nove, dez horas, e eu falo para ele, eu falo, I., vai dormir mais cedo, mas ele não tem sono para dormir mais cedo. E o horário dele acordar é até umas dez horas da manhã.

(G): Pergunta número seis. A criança consegue cumprir suas atividades diárias sem nenhum prejuízo?

(P6): Consegue. Ele é muito inteligente, muito esforçado, e tem hora que eu falo para ele, faz uma tarefa, ele fala, já fiz, “faz não sei o que”, já fiz, e ele é um dos melhores alunos da classe.

(G): Pergunta número sete. O uso do smartphone já afetou o desempenho escolar?

(P6): Não, dele não, só mesmo nervoso que ele fica, irritado, ansioso, só isso.

(G): Pergunta número oito. Como você avalia o impacto do uso do celular na vida do seu filho? O impacto de forma emocional, social e o desenvolvimento cognitivo?

(P6): Assim, eu vejo que ele é muito inteligente. Tudo que ele pega para ele tentar fazer, ele consegue, ele não desiste. Tanto que tem hora que eu tenho que brigar com ele, que ele gosta de desenhar.

(P6): E aí ele vai usar um caderno inteiro para ele conseguir até ficar do jeito dele. Então aí eu vejo, aí ele amassa uma bolinha, joga, amassa a outra, joga, até ele conseguir, ele não desiste. No jogo é a mesma coisa, até ele conseguir, ele não desiste.

(P6): Muitas vezes eu falo para ele, você tem que ir com mais calma, paciência, esperar, ele fala que quando ele tem que fazer, ele tem que fazer. Então eu vejo, assim, que não atrapalha, mas está mexendo com o emocional dele, né? Ele tem que fazer naquela hora, enquanto ele não conseguir, ele não vai parar. Ele é uma bênção.

(G): Pergunta número nove. Em sua percepção, existem riscos e benefícios? Quais são eles e por quê?

(P6): Então, o risco que eu acho é dele ficar muito, assim, calado. E quando ele tem que falar, ele já chega, fala.

(P6): Ele não tem medo de falar. Aí eu tenho que dar uma paradinha nele, ó, vai devagar, não é assim. E que eu vejo que ele aprende muito rápido as coisas.

(P6): Ele pega o celular, ele mexe, vai, vai, vai, até ele encontrar o que ele necessita, o que ele quer. Então, tem risco, sim. Que é esse dele ficar muito ansioso, muito nervoso, tem que fazer tudo na hora, terminar na hora, mas por um lado ajuda ele às coisas que ele necessita e precisa, né?

(G): Certo!

(G): Pergunta número dez. Em relação aos riscos, como você acha que pode minimizá-los?

(P6): Eu acho, assim, que eu deveria pôr ele em alguma aula, alguma coisa, pra ele fazer, tirar ele mais do celular, né? Só que, infelizmente, eu não tenho quem leva, não tenho quem busca, não tenho dinheiro pra pagar, né? Então, na verdade, se eu tirasse ele e colocasse ele em qualquer coisa, ele aprenderia mais, seria um pouco mais calmo e teria mais paciência, né?

(G): Sim.

(P6): Mas não tenho.

(G): Pergunta número onze. Como você entende a contribuição do uso do celular no desenvolvimento infantil?

(P6): Eu acho que, assim, para algumas coisas é ótimo. Para outras são piores, né? Porque eles aprendem o que eles querem e o que eles não querem, e tudo tá ali, né? Facinho pra você aprender, não precisa, tipo, ele usa pra estudar. Então, ele não vai precisar se sacrificar tanto, porque já tá ali, ele pega a resposta, vê a resposta, pra ele tá fácil, né? E se não tivesse celular, ele ia ter que estudar mais, ia ter que se preocupar mais, ia ter que fazer mais.

(G): Pergunta número doze. Na sua opinião, qual seria a forma do uso mais adequado do smartphone?

(P6): Eu acho que seria, assim, tipo um lazer. Se ele tivesse que jogar, jogasse um pouquinho, mas estudasse, também usava, porque é um aparelho bom pra estudar, né? Pra fazer conta, que ele gosta de fazer conta, algumas coisas, né? Outras, já não.

(G): Muito obrigada e encerramos a entrevista. Obrigada.